

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

PAULO ASSIS COSTA MEDEIROS

**A INTERNET CONTRIBUINDO NA PRODUÇÃO TEXTUAL
DOS ALUNOS DE 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Gravataí
2º semestre
2010

PAULO ASSIS COSTA MEDEIROS

**A INTERNET CONTRIBUINDO NA PRODUÇÃO TEXTUAL
DOS ALUNOS DE 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia a Distância, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.
Orientadora: Profª Drª Luciane M. Corte Real

Gravataí
2º semestre
2010

PAULO ASSIS COSTA MEDEIROS

**A INTERNET CONTRIBUINDO NA PRODUÇÃO TEXTUAL
DOS ALUNOS DE 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia a Distância, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profª Dra. Luciane M. Corte Real

Aprovado em 06 / 12 / 2010.

A Comissão Examinadora abaixo assinada, aprova o Trabalho de Conclusão de Curso A Internet Contribuindo na Produção Textual dos Alunos de 5º Ano do Ensino Fundamental, elaborado por Paulo Assis Costa Medeiros, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Profª Drª Luciane M. Corte Real

Profª Mestre Silvana Corbelinni

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-reitora de Graduação: Prof^a Valquiria Link Bassani

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

RESUMO

A utilização do computador em sala de aula já foi saudada tanto como a resposta definitiva para as lacunas do aprendizado quanto atacada pelos mais conservadores. Em um cotidiano de ascendência digital, insiste a escola em negar o acesso às mídias entre suas paredes, abstendo-se de pensar um currículo que comungue os componentes curriculares pelo viés da informática. A qualidade da produção escrita entre os discentes, via de regra estéril aos olhos dos educadores, bem poderia beneficiar-se de uma proposta inovadora, criativa e motivadora por meio de uma práxis que acolhesse as tecnologias deste novo século. Refletindo como a utilização da informática e da Internet contribuiu na produção textual dos alunos de 5º ano do Ensino Fundamental, o presente estudo tem como objetivo geral analisar algumas ferramentas digitais voltadas para o aprimoramento da produção textual e que podem ser utilizadas em sala de aula pelo viés do trabalho cooperativo. A fim de pensar tais questões, buscou-se o referencial teórico de Will Richardson, Pierre Lévy e José Manuel Moran, entre outros. A pesquisa baseou-se no diário de campo do estágio docente realizado em uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede de ensino público municipal de Gravataí. Os resultados apontam que a escola não mais pode prescindir da constituição de um corpo discente pesquisador, que se inquieta diante dos desafios pedagógicos, assumindo a opção pela autoria do conhecimento construído ao longo do processo de ensino-aprendizagem. É desejável que o professor planeje suas ações de forma a possibilitar a construção de um contexto pedagógico no qual docente e discente não se satisfaçam com o que está pronto, fazendo dos espaços da escola uma atmosfera provocadora de pesquisa e divulgação dos processos de ensino-aprendizagem e dos resultados alcançados.

Palavras-chave: Informática educacional. Produção de textos. Trabalho cooperativo.

MEUS AGRADECIMENTOS

As páginas do presente TCC são o resultado de inúmeras pessoas que passaram por minha vida, direta ou indiretamente, contribuindo de maneira decisiva para a formação deste que me tornei e que se reconstrói a cada nova oportunidade de aprendizado. Mencioná-los é certamente uma tentativa pessoal de manifestar publicamente minha gratidão pela diferença significativa que fazem/fizeram em minha trajetória.

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me permitido ser aquele que escolhi, confiando a mim o dom de educar e por todas as coisas maravilhosas que têm feito em minha vida.

A meu amado pai, agora na eternidade, que impingiu meu caráter com sua retidão, honradez e apreço pelo trabalho. Soube me amar incondicionalmente, ainda que eu não correspondesse às suas expectativas, tornando-se involuntariamente em um mestre na arte do respeito ao próximo e do querer bem.

À minha querida mãe, tão forte e tão frágil, a qual me educara sempre com gentileza e sensibilidade, incansavelmente procurando oferecer o que havia de melhor a todos os seus filhos, doando-se por inteiro e sacrificaram seus sonhos e anseios para que realizássemos os nossos, marcando-nos com seu amor dedicado.

À minha tia Geni, que auxiliara meus progenitores em minha formação desde meus primeiros dias, abdicando tanto em sua vida por minha felicidade, doando-se totalmente para que meus sonhos se tornassem realidade, tornando inalcançável qualquer tentativa de agradecimento que lhe faça justiça.

À minha avó materna, ora ao lado de Deus, a qual sempre guiou meus passos de forma sábia, amorosa e enriquecedora, um exemplo de conduta para todos aqueles que tiveram o privilégio de conhecê-la.

A meus padrinhos, sempre presentes em minha educação, zelando para que nada faltasse e contribuindo decisivamente para a pessoa e o profissional que me tornei.

A meus irmãos, exemplos de pai e mãe, os quais sempre torceram pelo meu sucesso e rezaram para que minhas aspirações me conduzissem a um caminho de realizações e felicidade.

Às minhas sobrinhas Daniela, Alessandra e Tatiana, que souberam transformar obstáculos em alavancas, tornando-se mulheres vencedoras, sempre vendo em mim um homem melhor do que eu supunha ser. Aos sobrinhos Mateus, Lucas, Tiago, Gabriela e João Pedro, exemplos de filhos e de retidão humana, que guardam minha pessoa com carinho em seus corações puros.

Aos demais tios, tias e primos, os quais direta ou indiretamente acompanharam minha jornada até este momento, desejando apenas o melhor em meu caminho.

Aos melhores amigos que alguém poderia desejar ter, Alberto Tielka, José Faillace e Romalino Santos, por terem escutado minhas angústias, alegrias e decepções, sempre como se fosse pela última vez. Por terem acreditado que eu chegaria a este momento, por me incentivarem cotidianamente e por estarem certos de que ainda me tornarei muito mais do que sequer eu aspire, pois a mim veem à maneira dos verdadeiros amigos. O mérito desta vitória também é de vocês.

Aos amigos de mais longa data, Alex e Marco, por comemorar cada uma de minhas pequenas vitórias ao longo de mais de quatro décadas, juntos. A todos os demais amigos que com a sua amizade, a sua ajuda, o seu companheirismo sem hora ou lugar, possibilitaram-me fazer um trabalho melhor.

À colega e amiga Marta Capistrano, a qual ofereceu-me apoio irrestrito e caronas preciosas ao longo de toda a graduação.

Às colegas Lígia, Nara Oliveira, Marta Capistrano e Marinês Medeiros pelo melhor grupo de pesquisa com o qual eu poderia sonhar: vocês são inteligentes, criativas, inspiradoras e, como vim a perceber desde o início, grandes amigas.

Aos colegas de trabalho, os quais sempre me incentivaram a buscar o aprimoramento profissional com um olhar de apoio, uma palavra de incentivo, um gesto de compreensão, uma atitude de segurança. O amor justifica suas existências.

À UFRGS e a todos aqueles que a tornam esta instituição de excelência, construindo com seus alunos seu mérito pela qualidade de ensino.

A meus professores do curso de Licenciatura em Pedagogia, os quais me guiaram para além das teorias, das filosofias e das técnicas com paciência, sensibilidade, inteligência e conhecimento do ser humano. A cada mestre que participou na construção de minha trajetória acadêmica, minha imorredoura gratidão!

A meus tutores, pessoas fundamentais em minha graduação, por contribuírem de forma irretocável para tornar este momento possível, meu respeito, carinho e gratidão eternos.

À minha orientadora, Prof^a Dr^a Luciane M. Corte Real, educadora por excelência, a qual dedicou seu tempo e conhecimento para que nossa formação fosse igualmente um aprendizado de vida, colocando-se a serviço do ensino e da construção de um ser humano melhor. Pela sua orientação constante, pela dedicação e renúncias pessoais, por instigar-me não somente à busca do saber, mas também por torná-lo viável, através de sua competência e confiança em mim, repartindo sua experiência e auxiliando-me a trilhar este caminho, meu reconhecimento, respeito, afeto e gratidão para todo o sempre.

A Internet contribuindo na produção textual dos alunos de 5º ano do Ensino Fundamental

Sumário

Resumo	5
Meus agradecimentos	4
1. Introdução	9
1.1 Objetivos	11
1.1.1 Objetivo Geral.....	11
1.1.2 Objetivos Específicos.....	11
2. Justificativa	12
3. Revisão Bibliográfica - O que os mestres propõem.....	13
3.1 Usos do computador em sala de aula	16
3.1.1 Computador na sala de aula e a prática pedagógica	16
3.1.2 Apresentando Blogs	19
3.1.3 Cuidados na utilização da Internet.....	24
3.2 Produção textual	28
4. Estratégia Metodológica.....	32
5. Analisando a experiência	38
5.1 Introdução do computador em sala de aula	38
5.2 Início dos trabalhos com a Internet	47
5.3 O trabalho com produção textual.....	50
6. Considerações finais:.....	58
7. Referências.....	62
8. Anexos.....	65

1. Introdução

São mais de duas décadas trabalhando com alunos das séries iniciais. Neste íterim, muitas mudanças ocorreram, fossem estas nos objetivos, nos conteúdos ou na metodologia. A refletir o momento político, econômico e social, a práxis educacional foi sendo moldada ora pela demanda de um mercado, ora pelas necessidades dos educandos. Neste cenário de mudanças, o computador já foi saudado tanto como a resposta definitiva para as lacunas do aprendizado quanto seu uso hostilizado pelos mais conservadores, receosos com uma alardeada substituição do professor pela máquina. Com o advento da Internet, a disponibilidade de toda a sorte de conteúdos nas suas incontáveis páginas assombrou boa parte dos professores: e se os alunos simplesmente passarem a entregar cópias em lugar de pesquisas?

A Internet, de início um conjunto de páginas que poderiam ser consultadas, pouco a pouco veio sofrendo mudanças que determinariam a utilização que hoje possibilita: de uma Internet para leitura e consulta à uma rede de computadores que possibilita ler, escrever, publicar, divulgar e interagir. Muito semelhante à ideia de escola que a maioria tem, os primeiros anos de Internet pública nos permitiam um acesso quase que passivo às informações disponibilizadas. Sendo repensada, evoluindo e seguindo uma direção ainda não percorrida pela escola, a Internet é hoje um meio em que cada indivíduo pode criar seu espaço na medida desejada, conjeturar e interagir, tendo um *feedback* imediato de sujeitos que comungam de ideias semelhantes ou que a elas são contrários.

Os alunos que hoje estão nas séries iniciais já nasceram neste mundo rodeado por blogs¹, wikis² e uma série de sites com os mais diversos assuntos possíveis. A informação que eles necessitam está ao alcance de uma

¹ Sites cuja estrutura permitem a atualização rápida a partir de acréscimos dos chamados artigos, ou "posts".

² Páginas comunitárias na internet que podem ser alteradas por todos os usuários que têm direitos de acesso.

(Notas 1 e 2 – Fonte: Wikipedia)

ferramenta de busca. A interação se dá pelos chats³, e-mails e outras ferramentas que possibilitam a troca de opiniões acerca de um determinado tema. Para conversar com outras pessoas não é mais necessário estar em um mesmo espaço físico, pois um novo mundo, virtual, se configura na tela do computador à sua frente. É neste cenário, em que o cotidiano digital se defronta com práticas nem sempre atraentes em uma escola analógica, que me debruço a pensar na produção textual do educando.

Para tanto, a fim de refletir como uma práxis aliada à Internet pode interferir na aquisição de uma expressão escrita mais lapidada por parte do aluno, parte-se da questão que norteia este trabalho de conclusão de curso: como o uso da Internet contribuiu na produção textual dos alunos de 5º ano do Ensino Fundamental?

Primeiramente, apresento um capítulo com a pesquisa bibliográfica, seguido de um capítulo no qual reflito as práticas pedagógicas considerando as ferramentas mais utilizadas na publicação de ideias pelos usuários da Internet em sala de aula. Em seguida, busco descrever como foram utilizadas tais ferramentas com alunos do 5º ano do Ensino Fundamental em minha prática de estágio, destacando tanto as atividades quanto os resultados alcançados no que se refere, principalmente, à produção textual. Por fim, faço algumas considerações finais e destaco referências utilizadas neste TCC.

³ Ambiente criado na rede de computadores para conversas por grupos "virtuais" em tempo real. (Wikipedia)

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo Geral

Analisar algumas ferramentas de informática voltadas para o aprimoramento da produção textual e que podem ser utilizadas em sala de aula pelo viés do trabalho cooperativo.

1.1.2 Objetivos Específicos

Descrever a dinâmica da introdução do computador no cotidiano de uma turma do 5º ano;

Apontar as possibilidades de utilização do computador e da Internet em sala de aula enquanto ferramenta de aprimoramento da expressão escrita;

Inventariar e examinar as atividades propostas na prática do estágio relacionadas com a produção textual;

Contrastar a produção dos mesmos alunos antes e após o trabalho com as ferramentas de informática;

Interpretar os resultados alcançados de forma a propor uma práxis que incorpore a Internet como fator de aprimoramento da expressão escrita.

2. Justificativa

A forma como a Informática está largamente difundida e a relação estreita de suas ferramentas com toda a sorte de atividades cotidianas, exige do educando refletir como situar-se neste novo mundo, ressignificando suas relações não apenas com os indivíduos, mas com sua aprendizagem. A Internet, atrelada a toda uma gama de recursos que a informática disponibiliza, possibilita ao educando construir conhecimento relevante à sua área de interesse, desenvolvendo igualmente sua capacidade de aprimorar o entorno, integrando-se plenamente à sociedade. Associe-se a este contexto um mundo competitivo, o qual exige de cada sujeito a capacidade de articular todos os saberes, contemplando desde a correta utilização da língua culta ao conhecimento científico universal, considerando as especificidades de cada cultura. Deste modo, justifica-se este tema de TCC posto que seja pertinente pensarmos a respeito da qualidade da produção textual de nossos alunos: Como acontece? De que trata? Em que fonte nosso educando está a buscar referências?

É necessário pensar de tal modo porque a simples inserção do computador em práticas de sala de aula não garante a construção do conhecimento. Pela própria acepção do termo, o conhecimento precisa ser construído, o que nos remete à ideia de que este só se efetiva com o engajamento do educando. Mas tão importante quanto atentarmos para a forma da escrita e seu conteúdo, é pensar para quem nosso aluno escreve e como faz chegar aos leitores – se os têm – o que produzira, e se recebe algum *feedback* a respeito de sua escrita. Não há razão para a escola enfrentar dificuldades em provocar no aluno uma reflexão quanto a seu meio, posto que todos lemos o mundo antes de ler a palavra. A escola deveria apenas dar conta de organizar nosso conhecimento e ampliá-lo para além das fronteiras das condições econômicas das famílias.

De todo modo, para que o educando possa alargar sua gama de conhecimentos, precisará sentir-se motivado a tal movimento. Como via de regra a motivação para a pesquisa surge da curiosidade inerente a cada

indivíduo, será necessário promover o “exercício da curiosidade” (...) nos espaços escolares, a fim de convocar “a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar”... (Freire, 2001, p. 98).

É importante salientar que a escola tem a tarefa de permitir que o aluno estabeleça relações de pertencimento com o mundo no qual ele está inserido. É ela que o motiva (ou não) a despir-se da postura de espectador em favor do papel de sujeito que interage em seu meio.

3. Revisão Bibliográfica - O que os mestres propõem

Fazer da informática um meio para que o aluno supere restrições referentes à disponibilidade de informações e sua utilização para a construção dos saberes é um desafio que se impõe. Neste contexto, o professor é aquele que aponta caminhos que desafiem o educando a modificar seu processo de aprendizagem, estimulando-o a tornar-se sujeito ativo nesta evolução.

É o cenário do qual fala Moran (2009, p.12-17):

Os alunos podem fazer suas pesquisas antes da aula, preparar apresentações - individualmente e em grupo. Podem consultar colegas conhecidos ou desconhecidos, da mesma ou de outras escolas, da mesma cidade, país ou de outro país. Aumentará incrivelmente a interação com outros colegas, pesquisando os mesmos assuntos, trocando resultados, materiais, jornais, vídeos.

A interação entre os alunos é flagrante através da Internet, e a utilização que estes fazem das redes sociais atestam o quanto a web, em lugar de isolar, aproxima os indivíduos. O acesso à Internet confere ao aluno a possibilidade de apropriar-se de informações da mesma forma que seu professor, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais rico para ambos. Neste ambiente em que a informação circula de forma democrática, Moran destaca o que é ensinar e o papel do professor:

Ensinar é orientar, estimular, relacionar, mais que informar. Mas só orienta aquele que conhece, que tem uma boa base teórica e que sabe comunicar-se. O professor vai ter que atualizar-se sem parar, vai precisar abrir-se para as informações que o aluno vai trazer, aprender com o aluno, interagir com ele. (MORAN, 2009, p. 12-17).

Vivemos um momento do qual não se poderia retornar: se a escola insistir em permanecer igual, a transformação será motivada pela cibercultura⁴. Para Lévy (1999), é preciso explorar as potencialidades deste espaço – virtual – no plano econômico, político, cultural e humano. Para o professor da Universidade de Paris, o papel do professor passa por uma mudança crucial: de “difusor de saberes” para o que ele denomina de “animador da inteligência coletiva”, estimulando nos estudantes uma postura cooperativa no aprendizado. Àqueles que advogam que a Internet afastaria os indivíduos, isolando os sujeitos, Lévy responde que os modos de relação, conhecimento e aprendizagem da cibercultura não paralisam nem substituem os já existentes, mas antes os ampliam, transformando-os e tornando-os mais complexos.

Levy (1999) afirma que a Internet não resolverá os impasses de ordem cultural e social com os quais convivemos. Ou seja, não se trata de mágica ou de reinvenção da roda a utilização da Internet enquanto ferramenta que concorra para o aprimoramento da leitura. É o autor que nos lembra de que o virtual não poderá substituir o que é real, mas que é próprio do virtual multiplicar as possibilidades de atualizar o segundo.

Ao pensarmos em leitura, encontramos em Freire (1988) que a importância do ato de ler é tamanha que está diretamente ligada à possibilidade da alfabetização. Quando Freire menciona “leitura” ele se refere a todas as suas configurações, incluindo a leitura do entorno, da realidade em que se está inserido. Para ele, o processo de aprendizagem dos alunos está intrinsecamente conectado à “prática de ler, de interpretar o que lêem, de escrever, de contar, de aumentar os conhecimentos que já têm e de conhecer o que ainda não conhecem, para melhor interpretar o que acontece na nossa

⁴ Pode-se entender por Cibercultura a forma sociocultural que advém de uma relação de trocas entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base micro-eletrônicas. (Wikipedia)

realidade” (FREIRE, 1998, p. 48). O educador não pode furtar-se, de acordo com Freire (2001) do dever de estimular e reiterar a capacidade de um olhar crítico por parte do educado para com sua realidade. Para tanto, é necessário cultivar uma prática instigadora, que promova a curiosidade, a tenacidade e a criação, de forma que cada educando se aproxime dos objetos cognoscíveis com um olhar inquieto, desacomodado, sedento por respostas. Apenas quando o educando se torna sujeito do processo de aprendizagem é que “podemos falar realmente de saber ensinando, em que o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos” (FREIRE, 2001, p.28).

Para tanto, as ferramentas aí estão: blogs, wikis, podcasts⁵, além de outras, fazendo deste século uma era instigante para todos aqueles que se envolvem com o fazer educação. O professor e escritor norte-americano, Will Richardson (2010, p. 6), destaca que vivemos um momento no qual se configura um desafio ser um educador. Para ele, da maneira “como se comunicam e aprendem, a realidade de nossos estudantes segue muito diferente da nossa. (...) Ele estão construindo uma ampla rede social com pouca ou nenhuma orientação dos adultos (...) usando uma ampla variedade de tecnologias que lhes foi negada utilizarem quando vêm para a escola.” Richardson chama à reflexão ao questionar “o que precisamos mudar em nossos currículos quando nossos alunos detém a capacidade de alcançar audiências muito além das paredes de nossas salas de aula.” Acerca do novo sujeito em nossas escolas, pergunta: “De que modo devemos repensar nossa idéia acerca do que seja alfabetizar quando precisamos preparar nossos estudantes para se tornarem não apenas leitores e escritores, mas também editores, colaboradores e divulgadores.”

⁵ Publicação de arquivos de áudio que podem ser transferidos e ouvidos no computador ou num tocador de MP3 portátil. (Folha Online)

3.1 Usos do computador em sala de aula

3.1.1 Computador na sala de aula e a prática pedagógica

Em uma turma na qual os alunos, na sua maioria, basicamente não têm contato com o computador, iniciar a utilização do mesmo representa, obviamente, um desafio, ao passo que estar diante de alunos sem vícios pode concorrer positivamente para esta etapa.

Outro desafio que se impõe diz respeito ao professor, pois é ele que irá determinar se a introdução da informática em sala de aula enriquecerá seu planejamento e o aprendizado dos alunos ou apenas se configurará em mais um recurso para a aplicação de uma mesma prática tradicional e vertical de ensino-aprendizagem. Em outras palavras, a forma como o computador será utilizado é que o tornará relevante para a práxis pedagógica, ou seja, as intenções e ações é que configuram o verdadeiro diferencial, não a máquina em si. Em última análise, o computador provoca no professor uma mudança de postura e no planejamento, um deslocamento de uma práxis centrada em si mesmo em favor de um modelo de ensino voltado para o aluno, a partir do aluno, valorizando o educando enquanto sujeito pró-ativo. Assim sendo, para que as inúmeras ferramentas não se configurem como "tranqueira digital" a professores pouco motivados a tais transições em sua prática, seria justo ilustrar um modesto paralelo.

A imagem de um fato projetada no telão e um cartaz com a mesma imagem só diferem, no máximo, pelas dimensões maiores que a primeira pode facilmente adquirir sem qualquer ônus. Entretanto, os recursos disponíveis para o educador que pensa o computador como parte de uma rede mundial poderão ampliar não somente em tamanho a referida fotografia, mas agregar a esta informações sob a forma de vídeo, trazer para a sala as reportagens mais recentes, localizar o fato através do Google Maps⁶ ou ferramentas semelhantes, entre outros tantos recursos. Existe ainda a possibilidade de se

⁶ Google Maps é um serviço de pesquisa e visualização de mapas e imagens de satélite da Terra. (Wikipedia)

usar sistemas que trabalham um nível acima, auxiliando o professor na identificação de acertos e erros dos seus alunos e sugerindo atividades para os mesmos. O foco deste TCC, contudo, é o trabalho desenvolvido com, basicamente, um notebook em uma sala de aula formada por 28 alunos e um professor.

Ao inserir o computador na sala de aula deverá refletir o professor se a informática o permitirá agregar qualidade à sua prática e repensar metodologias. Apenas por ser um símbolo de modernidade, o computador não garante, por si só, algum diferencial no cotidiano escolar. Computadores são meios, não fins. Não resolvem impasses, mas podem tornar-se um se interferirem na rotina de um professor que não tem noção clara do porquê utilizá-los. Sem esta noção, desconhecem as possibilidades, tornando a ferramenta apenas uma mediocridade do ponto de vista pedagógico. Segundo Sequeira, "o melhor computador não terá qualquer efeito no processo educativo sem um professor capaz de estruturar, modelar, guiar e facilitar o processo cognitivo de acordo com as necessidades individuais dos alunos" (1989, p.99).

Com ou sem computador, o educando é o fim e sua aprendizagem é o objetivo da atuação docente. Poderá este aprendiz interagir com os colegas e o professor através da informática ou permanecerá como espectador passivo de fotografias, sons, vídeos, notícias e mapas que o professor projetará na sala. Assim, ao mesmo tempo em que se planeja uma utilização inovadora dos recursos oferecidos pela informática, tenha-se em mente que só será coerente o trabalho que promover o educando a sujeito de sua aprendizagem. É necessário aliar à chegada do computador a comunicação e a cooperação entre os sujeitos, a promoção da autonomia e a ressignificação dos papéis de cada um, vendo ao professor e aos alunos como mestres e aprendizes na construção do conhecimento. Para Freitas, a sociedade do futuro será "uma sociedade que verá, provavelmente, o seu sucesso baseado na capacidade de acesso e tratamento/organização de informação" (1992a, p.30). Invariavelmente, estamos a pensar não apenas a garantia de acesso à informação, pois o aluno necessita ter claro o que fazer com a quantidade

infinita de dados disponibilizados na web. Desta forma, saber refletir, direcionar, utilizar e produzir a partir da informação apurada são habilidades que devem estar presentes nos planejamentos em nossas escolas.

Um planejamento que assim configure os atores envolvidos neste cenário pedagógico verá na Internet uma fonte de recursos de valor inestimável. À medida que a Internet oferece aos educandos a possibilidade de recorrerem às mesmas referências utilizadas pelo professor, democratiza-se o acesso à informação. De todo modo, informação em quantidade além da capacidade humana de processamento – eis a Internet – requer uma postura avaliativa e seletiva. Diante de inúmeras fontes, vertentes não raro divergentes e toda a sorte de publicações online, caberá ao professor e a seus alunos estabelecerem um diálogo que estimule a criticidade e o bom senso para selecionar tanto sítios⁷ idôneos quanto conteúdo relevante para a pesquisa que se empreende. A escola trabalha no educando, por este viés, competências para construir seu conhecimento com base em escolhas conscientes e bem fundamentadas, formando um cidadão que buscará constante aprimoramento em todos os níveis. Freitas olha para frente e visualiza uma sociedade que "terá nas novas tecnologias da informação e comunicação um auxiliar precioso no sentido de uma verdadeira disponibilização da informação por todos" (1992a, p.30). Ou seja, não mais a informação e o conhecimento nas mãos de poucos, mas disponibilizada a todos, em um ambiente democrático, no qual seus atores nutrem-se à medida que se automotivam e contagiam seus pares, em uma flagrante e cotidiana parceria entre docentes e discentes.

Tal mudança só é possível quando se promove o rompimento do paradigma presente: o professor enquanto detentor do conhecimento frente ao aluno puramente receptor deste. Mudam-se o acesso e as hierarquias, posto que o aluno e o professor interagem em uma atmosfera cooperativa de educação, lado a lado, compartilhando referências. Temos, assim, o mestre enquanto coordenador de propostas, um desafiador, um parceiro e um orientador. O aluno, por seu turno, deixará a zona de conforto e inércia em sala

⁷ Site, sítio, website, (...) é um conjunto de páginas web, isto é, de hipertextos acessíveis geralmente pelo protocolo HTTP na Internet. (Wikipedia)

de aula, tornando-se leitor, pesquisador, autor e divulgador não apenas de informações, mas de conhecimentos significativos. De qualquer modo, uma relação professor-aluno assim configurada só é viável em uma dinâmica pedagógica que estimule a curiosidade, valorize o questionamento e privilegie a descoberta individual e cooperativa. ABREU & MASETTO (1990: 115), afirma que “é o modo de agir do professor em sala de aula, mais do que suas características de personalidade que colabora para uma adequada aprendizagem dos alunos; fundamenta-se numa determinada concepção do papel do professor, que por sua vez reflete valores e padrões da sociedade”.

3.1.2 Apresentando Blogs

Ao pensarmos o aluno como sujeito que lê, reflete, escreve e publica informações tanto de outros autores como suas próprias conclusões, naturalmente se está abrindo espaço a diferentes ferramentas disponíveis para tal. Dentre estas, o blog se apresenta como um recurso de pouca complexidade para ser apreendido em sua dinâmica, mas nem por isso com poucas possibilidades de uso. O blog pode ser definido como “um jornal online individual”, no qual as postagens “ficam no topo da página, e abaixo aparecem os comentários dos leitores, seguidos da resposta do blogger⁸ (Fitzgibbon, 2010, p. 13).” Para que não pareça simplista demais tal definição, a autora destaca três tipos de blogs, além do blog mais comumente utilizado, com postagens de textos e, às vezes, uma imagem para ilustrá-lo. O primeiro é chamado **Vlog**, basicamente um vídeo blog, abrigando um conjunto de pequenos clipes de vídeo. Em seguida, temos o **Fotoblog**, cujo conteúdo consiste principalmente de fotografias. Por último, destaca a autora o **Audioblog**, “um blog com arquivos de áudio em lugar de texto (Fitzgibbon, 2010, p. 16).”

Para Fitzgibbon (2010), o professor deve encorajar seus alunos a selecionar uma área do seu interesse. Em seguida, devem ser orientados a criar seus blogs e estimulados a escrever semanalmente uma nova postagem.

⁸ Refere-se ao criador do blog. (Nota do autor)

Neste processo, aconselha que os alunos escrevam uma pequena biografia na sidebar⁹ do blog, de modo que seus leitores possam ter uma pequena referência acerca do autor das postagens. Igualmente destaca a importância de uma discussão em classe acerca da concepção visual de cada blog, convidando os alunos a visitarem outros endereços virtuais, fazendo uma lista dos recursos que acharam interessantes e incorporando alguns destes em seus próprios blogs. Nesta mesma busca, os alunos podem selecionar blogs baseados em uma temática relacionada com a sua área de interesse, disponibilizando links¹⁰ para os mesmos em uma área específica.

No que diz respeito à temática, é estimulante o quanto um blog pode, com algumas dicas, tornar-se uma rede social. Como exemplo, um blog sobre doenças infecciosas ao longo da história pode disponibilizar links para a Secretaria de Saúde, agências de controle de infecções, disponibilizar vídeos sobre hábitos de higiene, entre outros.

Outro exemplo do quanto um blog pode romper fronteiras pode ser visto em “Meredith’s Page (tinyurl.com/42jzz7), no qual a autora brinda seus leitores com reflexões acerca das atividades desenvolvidas em sala de aula, links para artigos relevantes para suas pesquisas, entre outros. É interessante citar que seu blog é alimentado por notícias do Google que têm ligação com sua temática de estudo – apatia adolescente – permitindo que ela possa checar novos ângulos para desenvolver em seu projeto. Como em todo blog que repercute positivamente na web, lá também estão comentários de seus colegas e de professores. Contudo, entre estes se podem encontrar comentários do ganhador do Prêmio Pulitzer, o jornalista Scott Higham, do Washington Post, alcançando o blog leitores que sequer o blogger, no início do seu trabalho, pensa ser possível.

De acordo com Richardson (2010), criar e manter um blog tem um potencial positivo considerável sobre os estudantes. Citando uma pesquisa desenvolvida pelos especialistas em aprendizagem Fernet e Brock Eide

⁹ Área ao lado das postagens principais com informações acerca do criador, links, etc. (Nota do autor)

¹⁰ Elos que conectam ideias ou referências contidas num documento a outro documento. (Nota do autor)

(<http://www.neurolearning.com/>), destaca alguns atributos do trabalho com esta ferramenta, entre eles:

1. Promover a análise e o raciocínio crítico;
2. Ser um recurso que motiva os pensamentos criativos, intuitivos, e associativos;
3. Desenvolver a capacidade de fazer analogias;
4. Combinar o melhor da reflexão individual e da interação social (Eide Neurolearning Blog, 2005);
5. Possibilitar o acesso a um maior cabedal de informações de qualidade;
6. Uma oportunidade ímpar para que os alunos leiam, pesquisem e escrevam.

De fato, um dos maiores potenciais de um blog é a capacidade de se articular espaços de discussão entre colegas, de modo que todos os atores envolvidos no processo de construção do conhecimento possam trazer contribuições. O blog é uma ferramenta de aprendizagem colaborativa por excelência e a Internet provém o criador deste espaço dos meios para aproximar pessoas com interesses comuns. Para Richardson, os blogs “são verdadeiras ferramentas construtivistas de aprendizagem (2010, p. 26)”. Os leitores-colaboradores podem procurar por informações ou sugerir ao blogger que sejam disponibilizadas; esta interatividade representa um dos potenciais mais significativos para a sua construção permanente. “A ideia de que a relevância do trabalho do aluno não termina na porta da sala de aula não só pode ser um poderoso motivador, mas também pode criar uma mudança significativa na maneira como pensamos sobre as atribuições e trabalhos que pedimos aos nossos alunos, em primeiro lugar (Richardson, 2010, p. 27)”.

Não se pode deixar de mencionar, conferindo igual importância, o quanto o blog é uma ferramenta que acolhe formas individuais, singulares, de aprendizagem. Todos têm voz através do seu blog, desde o mais tímido aluno que em sala de aula mostra-se reticente para anunciar suas ideias até aquele estudante que demonstra necessidade de falar a todo instante, num desejo

sem controle de compartilhar o que pensa, no momento em que pensa. Emocionalmente, todos ganham ao criar e manter seu espaço na Internet, emprestando-lhe muito de sua personalidade, do seu estilo e dos seus interesses pessoais, conferindo um novo sentido à participação e desenvolvendo habilidades necessárias nessa sociedade de informação em expansão contínua.

O blog do aluno pode tornar-se, com a orientação do professor e a partir do desejo do aluno, em espaço de integração, em um portfólio digital, lugar de intercâmbio, entre outros atributos. O interessante no trabalho de produção textual com blogs é que o aluno escreve a partir de uma miríade de motivações:

1. Seu blog será lido por outros colegas, por professores e até por pessoas que ele não conhece;
2. Seu blog o permitirá conhecer e comunicar-se com outros “blogueiros”;
3. Através do blog, poderá interagir com “internautas” que tenham interesses em comum;
4. Será possível auto-avaliar sua escrita a partir do feedback dos leitores de suas postagens, percebendo pelos comentários deixados se estas estão claras ou não em sua forma e conteúdo.

De todo modo, a incorporação dos blogs ao cotidiano pedagógico não precisa permanecer exclusividade de um educador, mas é desejável que se torne prática corrente por todos os mestres envolvidos. Utilizá-los em sala de aula não é um modismo como tantos outros, mas trazer para os estudantes um recurso que os auxiliará e a toda escola. Os resultados do trabalho com blogs são notáveis, pois a equipe pedagógica poderá introduzi-los como:

- a) Ferramentas de gestão: posto que são extremamente fáceis de serem criados e mantidos, podem trazer as regras construídas por todos os segmentos da escola, o calendário anual, atividades extras (como sugestões para professores e alunos), avisos a todos os segmentos da instituição, etc;

b) Ferramenta de aprimoramento de habilidades e competências: como fornecem um espaço virtual ilimitado, professores e alunos podem utilizá-los para desenvolver a escrita ou outras competências, tendo a resposta quase que imediata daqueles que acompanham o trabalho. Como a interação pode ser permitida a todos que acessam o blog, todos aqueles que deixam comentários poderão avaliar o blog visitado na medida em que retornam e dão prosseguimento a debates iniciados anteriormente. Os colegas poderão avaliar o trabalho de seus pares e ter seus próprios trabalhos avaliados por eles, tudo online e eficiente. Os alunos que apresentam mais facilidade com determinado tema poderão, por exemplo, auxiliar seus colegas que encontrarem dificuldade, fazendo um papel de tutoria à distância, exercitando a cooperação.

c) Ferramenta de diálogo e reflexão: dado que permitem a postagem de comentários por parte de todos aqueles que acessam o blog – dependendo das configurações de acesso selecionadas – torna-se rapidamente um espaço de diálogo, de discussão acerca de diferentes pontos de vista. Como não se pode garantir a fala pelo “grito”, o aluno percebe que quanto mais articulado maior será a possibilidade de conquistar seu espaço e construir com os demais uma postura de admiração em relação às suas postagens. Cada aluno terá seu tempo respeitado, e poderá escrever o que pensa ao passo que reflete a respeito.

d) Ferramenta de arquivo (portfólio): como o blog guarda as postagens mais antigas, exibindo as mais recentes no topo, cada aluno poderá analisar seu crescimento ao longo de um determinado período apenas observando suas postagens arquivadas. Como podem ter acesso rápido ao que já produziram e reler o retorno recebido, é possível que queiram escrever melhor a cada postagem, buscando sempre maior clareza na divulgação de suas conclusões.

Uma das características mais fascinantes em se usar blogs na escola é porque estão conectados à Internet. Por esta razão, poderão aperfeiçoar a criação de uma comunidade de aprendizagem, não precisando os blogs estar desconectados uns dos outros. Os alunos podem agregar a seus blogs outros que se assemelhem em conteúdo, por afinidades entre bloggers, por regiões,

etc, compartilhando opiniões e dando *feedback* uns aos outros com comentários e respostas aos questionamentos que sejam feitos.

Os alunos experimentam uma sensação ímpar de propriedade de sua aprendizagem, ou seja, percebem-se sujeitos do que publicam, posto que seja fruto de sua reflexão e trabalho. Assim, na construção da identidade do aluno, os blogs conferem-lhe voz, espaço e público. Posto que sujeito ativo neste processo, terá que lidar com as repercussões de tudo o que publica de forma responsável e bem articulada, ou cairá no esquecimento, perdendo o quinhão de respeito que conquistara entre os demais blogueiros. Proporcionando ao estudante ver seu blog de vários aspectos, os comentários deixados pelos demais o permitirão perceber que sua aprendizagem está conectada ao processo de construção do conhecimento de seus pares. Com isso, pode organizar sua aprendizagem, de modo a permitir-se ler melhor, refletir com mais profundidade e escrever com mais apuro.

O trabalho sistemático, isto é, o exercício de postar com certa regularidade, traz ganhos para além das fronteiras do assunto que é trabalhado pelo aluno: promove o letramento digital, a habilidade de investigação e análise, assim como a melhoria na interpretação do que lê e na qualidade do que escreve.

3.1.3 Cuidados na utilização da Internet

Como os estudantes estão regularmente selecionando conteúdos para “linkar” ou incluir em suas postagens, Richardson (2010, p. 30) afirma que “eles deverão aprender a encontrar e identificar fontes de informação confiáveis.” Dado que é consideravelmente difícil para a maior parte das pessoas, sejam estes alunos de alguma instituição ou não, determinar quais sites trazem informações confiáveis demanda observação, pesquisa e troca de informações com outros internautas.

Quando se está em uma sala de aula com Internet, é provável que alguns professores se surpreendam com a imprevisibilidade que pode assaltá-los em um determinado momento, principalmente se os alunos estiverem bastante ávidos por acessar endereços que já dispõem de alguma forma, ou buscando pelo Google os sites desejados a partir de sua temática ou nome. Assim, manter os estudantes seguros é um desafio do professor, da escola e de toda comunidade escolar. Ainda que existam filtros de conteúdo considerado inapropriado e que toda escola deveria utilizá-los, conversar com os alunos a respeito do objetivo do trabalho com computadores conectados à Internet trata-se de uma etapa que não pode ser dispensada em favor de um software que pode fazer as vezes de censor. Conversar acerca de acesso responsável não é garantia de que jamais irá acontecer de um estudante acessar um site considerado indevido – por conter pornografia, linguagem vulgar ou conteúdo de mau gosto. Entretanto, é papel dos adultos responsáveis por estas crianças e adolescentes, sejam seus professores ou familiares, instruí-los a não buscar tais conteúdos e, se porventura acessarem inadvertidamente conteúdo contrário às orientações recebidas, usarem o botão “voltar” do navegador, sem causar maior alarde em função de um descuido.

Do ponto de vista dos estudantes, deve ser discutido e acertado em sala de aula o que será e o que não deverá ser postado e disponibilizado online. Para tanto, a escola necessita ter uma rotina única para todos os educadores, os quais deverão observá-la e fazer com que seus alunos trabalhem de acordo com o que está acordado. Não se trata apenas de preservar nomes e imagens de alunos, mas informações a seu respeito, como seus endereços, descrições de suas rotinas, etc. O professor poderá utilizar somente o primeiro nome do aluno, ou escolher com eles um pseudônimo.

De toda forma, os pais deverão ser consultados quanto à utilização de informações acerca dos seus filhos, principalmente no que diz respeito a fotografias. O que pode parecer a ilustração de uma atividade pedagógica para um professor, do ponto de vista dos pais é somente uma exposição de seus filhos. Assim, a fim de estabelecer parâmetros de trabalho, a escola como instituição deverá resguardar a si mesma e a seus professores da possibilidade

de qualquer ação jurídica através de um documento¹¹ que os pais assinem, autorizando ou não a publicação de imagens de seus filhos durante as atividades previstas. No que diz respeito ao trabalho do professor e dos seus alunos, como já fora citado, ficará acordado a observância das regras estabelecidas pela escola.

Todo este resguardo tem sua razão de ser. Blogs podem ser acessados por qualquer internauta. Medidas restritivas quanto à postagem de comentários podem ser tomadas, evitando a utilização inadequada do espaço para tal. De todo modo, os estudantes e seus professores têm em mãos a oportunidade de debater questões sobre privacidade pessoal, segurança e liberdade de expressão. Igualmente indispensável é trabalhar o aluno enquanto autor responsável das postagens, a fim de evitar a publicação de qualquer texto ou imagem difamatório, calunioso, ofensivo ou injurioso, ou ainda que possam estar a infringir os direitos alheios.

O que estamos a construir através desta dinâmica de trabalho é uma sala de aula e uma escola como espaço de diálogo, no qual as regras são estabelecidas não a partir de uma ótica centrada na figura de um adulto, mas a partir da fala de todos os atores envolvidos no processo. Neste contexto, a figura do professor, ao contrário do que possa parecer, não é desvalorizada. De fato, enquanto se coloca como mediador e facilitador, muito provavelmente os alunos, assim como os pais, terão a este professor como referência no momento de negociar e construir as diretrizes de uma investida, neste caso, a pesquisa e postagem na Internet.

Efetivamente, o que professores e pais devem discutir com as crianças e adolescentes passa pelas diretrizes abaixo, as quais podem ser ampliadas de acordo com as necessidades e contextos específicos de cada família ou escola. De acordo com orientações publicadas no site da Microsoft do Brasil, no momento desta orientação é indispensável destacar que:

¹¹ Modelo em anexo.

a) Jamais devem fornecer informações pessoais: sobrenome, informações de contato, endereço, telefones, nome da escola, endereço de e-mail, sobrenomes de amigos e parentes, nomes usados em aplicativos de mensagens instantâneas, idade ou data de nascimento.

b) Tomar muito cuidado antes de publicar um foto: se estiver permitida a publicação de fotografias, jamais publicar fotos provocantes deles mesmos ou de outras pessoas e devem se assegurar de que as imagens publicadas não revelem as informações acima. A fim de evitar a identificação do local em que se encontram, devem se lembrar de examinar também o cenário de fundo de uma foto.

c) Lembrar que tudo o que é publicado é para sempre: não importa que você apague o vídeo. Antes de fazê-lo, alguém poderá copiá-lo e continuar disponibilizando as imagens que agora não se deseja mais tornar públicas. Qualquer pessoa na Internet pode imprimir um blog ou salvá-lo no computador com facilidade.

d) Devem usar provedores de serviços de blogs com termos de uso claramente definidos: precisam ter certeza de que podem proteger seus blogs, e não apenas as contas de usuário, com proteção de senha. Mesmo assim, devem presumir que qualquer um pode ler o blog.

Como crianças e adolescentes via de regra não dispõem do preparo necessário para distinguir o seguro do perigoso em um mundo virtual, cabe então aos pais e professores dar orientação constante, promovendo reflexão tanto a respeito do que há disponível enquanto conteúdo na Internet quanto acerca dos prováveis desdobramentos resultantes de nossas escolhas. Igualmente indispensável é criar com a criança e o adolescente uma relação de confiança e cumplicidade. Pode-se usar como exemplo um episódio de palavrões e/ou chacotas que a criança esteja recebendo pela Internet através de sites de relacionamentos ou mesmo por meio do campo para comentários em seu blog. Estimulá-la a contar para um adulto deverá vir acompanhado de diálogo quando ela o fizer. Pais e professores devem deixar claro à criança ou ao jovem que a Internet não será cortada caso comentem estar sendo alvo deste tipo de comentários. Pelo contrário, que com eles seja estabelecido que a transparência neste momento é sinal de que eles estão a aprender a

distinguir o certo do errado e, por isso mesmo, ganharão um voto de confiança no que diz respeito ao uso da Internet.

3.2 Produção textual

Luft (1999, p. 43) ilustra uma situação alarmante nas escolas em geral: “Os jovens não sabem falar, os jovens não sabem escrever, a nova geração não tem vocabulário; são lamúrias repetidas entre professores ou pais, que só confirmam os frutos naturais de um ensino frustrado e frustrante...”. Não há qualquer dúvida de que a situação da produção textual nas escolas em geral deixa muito a desejar. As justificativas são inúmeras, mas a afirmação de Luft certamente contempla o que mais se apregoa como razões para este obscurantismo nas atividades de redação.

A carência de conteúdo figura, certamente, entre as razões mais óbvias para que o aluno encontre dificuldade em escrever acerca de um tema. A falta de leitura acaba por gerar um considerável embaraço ante a uma atividade de redação. Basta que nos perguntemos: como escrever sobre algo que você não tem alguma familiaridade?

Como os alunos pouco pesquisam, o que conhecem não raro é resultado de programas de televisão nem sempre preocupados com algum viés educativo. A própria televisão, uma tecnologia que pode ser fascinante, faz com que os alunos percam, paulatinamente, o interesse pela palavra impressa. A tecnologia televisiva nos coloca em um paradoxo: em plena era da comunicação, a palavra escrita é menos motivadora que a sedutora imagem na tela. Nas próprias mensagens via MSN, SMS ou e-mail é comum os jovens substituírem palavras ou expressões por um simples sinal gráfico, denominados *emoticons*. Longe de serem vilões na expressão escrita, representam o resultado da necessidade de pertencimento a um determinado grupo, da pressa em que tempo virou uma preciosidade ou, por que não, para economizar em número de mensagens – pagas – via celular, não descartando

a possibilidade de se estar a adotar um modelo que a própria televisão reforça por meio de seus protagonistas.

Entretanto, a falta de motivação para produzir um texto pode estar tanto na indagação – escrever para quem? – quanto na conclusão frustrante: para o professor corrigir. Sem alguém com quem trocar impressões acerca de suas ideias, com um parecer desprovido de juízo e avaliação bancária, podemos entender porque escrever representa um fardo para este aluno.

A produção textual também não será de qualidade considerável quando solicitada para fins de avaliação pura e simplesmente, em um curto espaço de tempo e sem a motivação indispensável. Para Serafini (1998, p. 13):

(...) escrever um tema não significa criar por inspiração divina. É um trabalho. E para fazer um trabalho é preciso conhecer as regras do ofício. Todavia, nem sempre o professor orienta o educando para observar as diversas etapas necessárias para a organização de texto.

Podemos pensar acerca da formação recebida por este professor que tem na atividade de produção textual uma simples tarefa de redação sobre um assunto escolhido a esmo. Entretanto, parece mais proveitoso citar alternativas para que uma atividade tediosa para os alunos possa ser experimentada de forma mais significativa e motivadora.

Partindo da primeira justificativa apontada para que os textos produzidos pelos educandos sigam tão estéreis – carência de conteúdo – providenciar atividades prévias de acesso ao conteúdo é o primeiro passo a ser dado. Os recursos para que os alunos possam inteirar-se quanto à temática que será objeto de produção textual futura devem ser os mais variados possíveis: DVDs, revistas, Internet, livros, debates, etc. O segundo ponto a ponderar é o objetivo para a produção escrita ser solicitada: quem vai lê-la? O que será analisado? Como se dará o retorno para o autor do texto? Assim, ainda que o blog siga como proposta de trabalho que faz chegar a produção textual de um aluno a

incontáveis leitores, será sempre bem-vinda a divulgação em um varal de textos, nos murais, no jornal da escola, nos jornais da cidade, na rádio comunitária, etc, para que o educando experimente real satisfação em publicar suas ideias, recebendo resposta de seus leitores, não um sumário conceito por parte do único “apreciador” do seu trabalho, o professor. Contudo, se o professor se dará o trabalho de planejar todas estas atividades que prepararão o aluno para produzir seu texto, divulgá-los e interagir com seus possíveis leitores, certamente poderá reservar ao aluno o papel não só de sujeito criador, mas de revisor de sua própria obra. É uma maneira de conferir ao próprio autor a possibilidade de rever conceitos e melhorar parágrafos que possam não comunicar claramente o que pensa. Pela revisão e possibilidade de reescrita, a produção textual vai perdendo o caráter de resultado de improviso para os educandos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais valorizam a prática da produção textual, citando que “os projetos são excelentes situações para que os alunos produzam texto de forma contextualizada – além do que exigem leitura, escrita de leituras, produções de textos orais, estudo, pesquisa ou outras atividades (Brasil, 1997: 70, v. 2)”. Percebe-se neste parágrafo a necessidade de planejamento, pesquisa, atividades variadas, cooperativas e contextualizadas a anteceder a produção escrita do aluno.

Igualmente importante é o momento de avaliação da produção do aluno, posto que facilmente os professores incorram no equívoco de sublinhar palavras que foram grafadas de forma distinta da língua culta... e só. Indispensável considerar o contexto em que o aluno vive, sua situação histórico-cultural e sua linguagem, evitando discriminá-lo linguisticamente. Que a avaliação seja, primeiramente, feita pelo professor com o aluno, na atividade de revisão citada anteriormente. O *feedback* dado pelo demais leitores, ou sua ausência, seja uma segunda avaliação a que o aluno tenha direito, fazendo-o refletir acerca das manifestações recebidas, diferenciando essência de superficialidade.

Produzir textos é permitir que vivam palavras que estavam latentes, que venham à tona desejos, sentimentos, dúvidas, certezas e sonhos de toda sorte. Mas para que o texto seja produzido, o aluno deverá sentir-se motivado a fazê-lo e só escreverá algo significativo, para ele e seus leitores, ao experimentar a necessidade ou desejo de compartilhar o que pensa e sabe a respeito de determinado assunto.

Todo ser humano quer deixar algo seu, uma criação de sua alma, eternizar-se. Por isso o desejo de fama instantânea, a simpatia por celebridades ou o consumo do que está em voga. Trata-se de uma maneira de sentir-se parte do processo, ainda que se permaneça completamente à margem de tudo. Para que o aluno experimente empatia pelo ato de escrever deverá ser poupado, de início, de recomendações quanto ao esmero com sua caligrafia, apuro nos termos escolhidos e observância irrestrita às regras gramaticais. Ainda que tudo isso seja desejável no resultado final da produção de um texto, uma demasiada preocupação com a forma em detrimento da essência pode concorrer contra qualquer possibilidade de inspiração por parte do educando. Descobrir o interesse natural do aluno e fazer deste tema de sua escrita certamente será uma chave para um início proveitoso dos trabalhos.

De todo modo, o trabalho com leitura começa antes mesmo de a criança apropriar-se do nosso sistema de escrita alfabética. Aquela saudosa imagem da vovó, com o netinho sentado a seu colo, contando-lhe histórias de fadas enquanto exhibe as gravuras e palavras do livro que tem em suas mãos precisa ser resgatado nos lares, fazendo a escola o mesmo papel através da hora do conto. A bem da verdade, a escola figura como instituição primeira no ensino da leitura e da escrita, mas jamais deverá eximir-se a família do seu papel de coadjuvante indispensável neste processo.

A produção textual é resultado de uma atividade cognitiva e social. Portanto, trabalhar com textos relevantes para o aluno, explorando diferentes formas, funções e expressões escritas contribuirão para o desenvolvimento das habilidades necessárias para que o ouvinte se permita igualmente ser o autor. Impossível imaginar um autor que não pratica da mesma forma a leitura das

obras de terceiros. Aprimora-se o vocabulário, a gama de conhecimentos, a capacidade de brincar com as palavras e, por conseguinte, escrever textos mais interessantes tanto quanto somos expostos a diferentes gêneros textuais.

Nesse sentido, percebe-se que a literatura apresenta ao aluno não apenas diferentes histórias, mas igualmente informações sobre as estruturas de uma língua escrita, além da necessária clareza de intenções quanto ao que se pretende comunicar, percebendo as diferenças entre os códigos oral e escrito. Que não se privilegie a cópia de textos, mas sua compreensão, interpretação e criação. Para que tenhamos alunos capazes de redigir um bilhete, uma carta, uma receita ou uma pequena biografia em seu blog, assim como leitores autônomos em todo o tipo de situação comunicativa, é indispensável oportunizar cotidianamente experiências diversas de produção e leitura, promovendo também momentos de socialização do que fora produzido, seja pela internet, pelo varal de histórias, murais ou outros meios que permitam ao aluno-escritor-leitor perceber a escrita e a leitura como fenômenos sociais.

4. Estratégia Metodológica

Este trabalho de conclusão de curso descreve como o computador, a Internet e suas ferramentas foram utilizadas em uma turma do 5º ano. A metodologia empregada é qualitativa na forma de estudo de caso. Os sujeitos desta pesquisa – desenvolvida ao longo de nove semanas letivas entre março e julho de 2010 – foram 28 alunos de uma turma do 5º ano de uma escola da rede pública municipal de Gravataí.

Como estratégia metodológica foi disponibilizado um questionário com três perguntas dissertativas (em anexo), as quais focam a dificuldade do aluno em expressar por escrito suas ideias, a utilização da Internet para a pesquisa e compartilhamento de temas do seu interesse, assim como para averiguar se os alunos percebem diferença significativa na sua produção textual ao final de nove semanas de trabalho. Também se lançou mão da produção escrita dos

alunos, sendo uma realizada na primeira semana letiva e a última por ocasião do encerramento do estágio, analisando o uso do vocabulário, a criatividade na escrita e a coesão de ideias.

O estágio configurou-se como uma oportunidade de desenvolver na turma um trabalho com o qual os alunos ainda não tiveram contato: o projeto de aprendizagem. Nos anos anteriores, segundo relato de seus professores, não houve implementação de qualquer arquitetura pedagógica, o que por si só já confere um ineditismo bem-vindo quanto à proposta.

Ainda que não estivesse disponível na Escola acesso à Internet, essa carência de modo algum impossibilitaria o desenvolvimento de um projeto de aprendizagem. O professor estagiário percebeu na praticidade do serviço de Internet 3G a possibilidade de levar a rede mundial de computadores para a sala de aula, utilizando para tanto seu notebook, um projetor EPSON, um telão e uma caixa acústica, estes três últimos recursos disponibilizados pela equipe diretiva. Para atingir os objetivos propostos, o professor lançou mão de diversos recursos e estratégias: *brainstorming*; pesquisa, investigação e/ou entrevista na Biblioteca da Escola e na família; saídas de campo; exposição da produção dos alunos; método científico; computadores, notebook, conexão com a Internet; projetor de imagens (data show); câmera digital, celular; dvds e cd-rom; softwares pedagógicos; livros didáticos; livros literários; revistas; dvd player, sistema de som, microfone; mapas, globos, Atlas; materiais diversos para desenho e pintura.

Foram objetivos do planejamento desenvolvido:

- Promover a busca de soluções para questionamentos do cotidiano;
- Estimular o acesso à informação como esteio da construção do conhecimento;
- Motivar a autoria, a expressão oral e escrita, a criatividade, o inusitado e a interlocução;
- Fomentar processos de investigação em sala de aula;
- Pautar as ações educativas visando o desenvolvimento da autonomia, do esmero, da responsabilidade e da cooperação.

Ainda no mês de março, a fim de poder introduzir o uso do computador em sala de aula, fez-se uma pesquisa a partir de três perguntas. Com o intuito de diagnosticar a familiaridade dos alunos com a utilização de recursos da informática, os alunos responderam:

1. Você sabe usar um computador?

- () Sim, eu sei.
- () Não, eu não sei.

2. Onde você costuma usar um computador?

- () Na *lan house*.
- () Na minha casa.
- () Na casa de amigos ou parentes.
- () Na escola.
- () Não uso computador em lugar algum.

3. O que você gostaria de saber mais usando um computador e a Internet?

- () Sobre esportes.
- () Sobre filmes.
- () Sobre novelas.
- () Sobre atores.
- () Sobre animais.
- () Sobre invenções.
- () Sobre música e cantores.
- () Sobre notícias.
- () Outros assuntos.

Tabuladas, as perguntas permitiram que se chegasse ao seguinte cenário:

Dos 28 alunos que responderam ao questionário, seis usam computador. Dois o fazem em casa, um em *lan house* e três em casa de

amigos ou parentes. A grande maioria, 22 alunos, nunca usara um computador. Quanto à terceira questão, visto que os alunos podiam marcar mais de um item, podemos visualizar o seguinte gráfico de acordo com as respostas tabuladas:

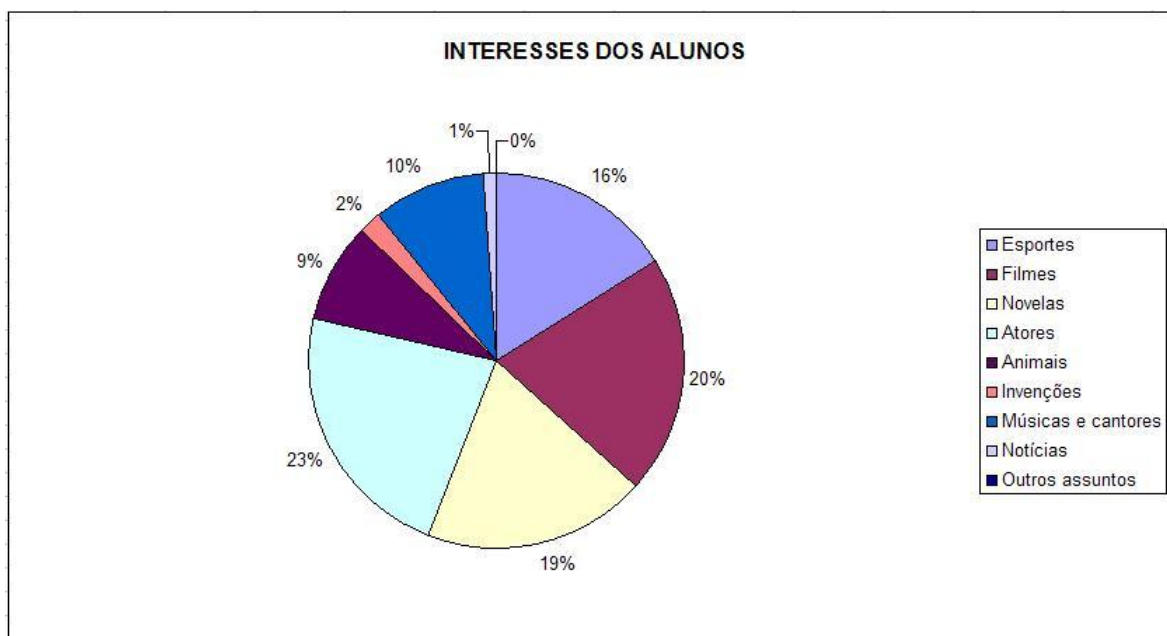


Figura 1. Gráfico de interesses dos alunos em relação à temática de pesquisa

Note-se que a intenção das perguntas não se limitava a averiguar quais alunos dispunham de um computador e quais acessavam a Internet. Primeiramente, o questionário sinalizava aos alunos que se está a iniciar um ano letivo com um enfoque novo: a relevância da utilização do computador para o planejamento do seu novo professor. Em segundo lugar, o questionário indicava que não é necessário ter um computador em casa para familiarizar-se com seu uso; a pergunta dois insiste quatro vezes com um "SIM", alertando para as possibilidades de utilização de ferramentas de informática. Por fim, mas não menos importante, a terceira questão lança aos alunos, de forma subliminar, os temas que, dentre outros, podem ser facilmente encontrados para pesquisa e entretenimento na Internet. Assim, desde o início, ficava bastante evidente que a Web teria muito mais a oferecer que simplesmente o Orkut, funcionalidade mais citada, senão única, em conversas informais entre os alunos.

O que mais podemos inferir de tal resultado? Estamos diante de uma turma que, definitivamente, desconhece a utilização do computador pessoal, exceto por seis alunos que, de uma forma ou de outra, já demonstram alguma familiaridade com o mesmo. Visto que em um grupo de 28 indivíduos apenas dois sinalizaram ter computador em casa, pode-se especular – posto que não tenha dados para afirmar – que o mesmo não é uma prioridade para estas famílias, por razões de toda ordem, tanto econômica quanto cultural. Poucos alunos procuram a *lan house* – três crianças – o que faz ponderar questões de ordem financeira, dado que todo acesso nestes estabelecimentos é pago. Finalmente, ainda que não seja questionado nesta primeira parte do questionário, o fato dos alunos haverem comentado que gostam do Orkut, e nada além tenham citado, faz crer que os recursos que a informática pode lhes oferecer são completamente ignorados em seus cotidianos.

Como os alunos não foram instruídos a marcar apenas um item entre os nove disponíveis, os números aparecem maiores do que o total de alunos na turma se somados. Isso pode nos indicar que, ao mesmo tempo em que não dispõem de computador em casa, na sua grande maioria, e apenas uma pequena parcela tem acesso a Internet, utilizando-a basicamente para a troca de mensagens curtas via site de relacionamentos, se está diante de alunos que demonstram uma curiosidade imensa em assuntos diversos. Dentre tais temas, percebe-se um grande interesse em atores, filmes e novelas. Os esportes vêm logo a seguir, acompanhado do desejo de saber mais sobre música e cantores, assim como a respeito de animais. Os itens “invenções” e “notícias” não tiveram acolhida significativa, e nenhum assunto ausente da lista foi citado.

Ao final do estágio, temáticas semelhantes foram desenvolvidas pelos alunos em seus projetos de aprendizagem, divulgados através de apresentações em Power Point para toda a turma. O trabalho com projeto de aprendizagem nos remete a Piaget: “Conhecer é modificar, transformar o objeto, e compreender o processo dessa transformação e, conseqüentemente, compreender o modo como o objeto é construído.” (1972, p.4). O que o aluno busca por meio do projeto de aprendizagem é inteirar-se do seu objeto de curiosidade, aprofundando o que já conhece, confirmando certezas,

deparando-se com novas dúvidas, a partir de uma questão que a tudo precede. Desta forma, a aprendizagem ocorre não de fora para dentro, mas a partir de uma desacomodação interna do indivíduo. Esta interação do aluno com o objeto – sua temática do projeto – é parte de um processo que o possibilitará a desenhar seus próprios conceitos a partir do que pesquisara.

Para Piaget (1973, p.105), o conhecimento é possível somente a partir da interação entre o sujeito e o objeto. A cooperação, caracterizada pela reciprocidade de pontos de vista distintos dentro de uma dimensão coletiva, é facilitadora do processo de aprendizagem: “... cooperar na ação é operar em comum, isto é, ajustar por meio de novas operações [...] de correspondência, reciprocidade ou complementaridade, as ações executadas por cada um dos parceiros.” Dentro desta ótica de trabalho cooperativo, os projetos de aprendizagem são um exemplo de empreendimento conjunto através do qual os alunos adquirem confiança em suas capacidades, posto que seja evidente a valorização do comprometimento de cada um para se atingir um objetivo comum.

Esta cultura de projetos de aprendizagem abre o espaço indispensável para o questionamento e a reflexão, para a testagem de hipóteses e a busca por respostas. De fato, aqui não há possibilidade do conhecimento nas mãos do professor exclusivamente, o aluno posicionando-se como uma tábula rasa ou com saberes medíocres. Deste modo, uma escola que sistematicamente sufoca a curiosidade espontânea do aluno, como coloca Freire (1997), a partir do momento que não lhes confere oportunidades de questionamento e pesquisa, de ir além do que prevê o currículo na busca do conhecimento, começa a sofrer modificações. O ensino centrado em uma pessoa unicamente – o professor – cede paulatinamente lugar a uma atmosfera de cooperação e envolvimento por parte de todos, posto que se trate de um ambiente que trabalha com a bagagem cultural de cada um, sem distinção, que ouve suas dúvidas e pondera suas certezas.

O objetivo de todo currículo escolar deve sempre ser estimular o aluno a galgar um conhecimento mais elevado, questionar o que está colocado e o que

sabe, fazendo do aluno um engenheiro de ideias. O professor aproxima o aluno do conhecimento universal quando parte do que ele já sabe, pois ao valorizar a bagagem do educando cria-se pontes no ambiente escolar. Paulo Freire (1967) apontava para a importância do trabalho a partir de temas que fossem significativos para os educandos – os “temas geradores”. Assim, menor importância adquire a transmissão de conteúdos específicos quando pensamos na relevância de se trazer para a escola experiências já vividas e delas partir para a sistematização da aprendizagem.

Igualmente fundamental em educação é a utilização de estratégias e recursos que coloquem o aluno não somente como espectador de uma temática trabalhada, mas que o envolva no processo de ensino-aprendizagem através da dialogicidade do ato educativo. Para Freire, o diálogo é o alicerce da própria pedagogia. “A atitude dialógica é, antes de tudo, uma atitude de amor, humildade e fé nos homens, no seu poder de fazer e de refazer, de criar e de recriar”. (FREIRE, 1987:81). Portanto, uma relação saudável entre o professor, o aluno, a família e a equipe pedagógica, pautada pelo desejo de oferecer o que há de melhor dentro das possibilidades de todos os segmentos envolvidos, concorrem para que o processo de aprendizagem seja produtivo e enriquecedor.

5. Analisando a experiência

5.1 Introdução do computador em sala de aula

O título deste capítulo bem poderia ser "como trabalhar com 28 alunos tendo apenas um notebook disponível para todos" e teríamos uma ideia melhor a respeito dos recursos disponíveis. Contudo, antes de tornar as condições de trabalho, não ideais, em justificativa para fazer menos do que se propunha no planejamento, ganharam as atividades um viés colaborativo. Através de uma proposta de cooperação, os alunos aprenderiam já ao longo das primeiras

semanas do ano letivo que o trabalho conjunto não só é mais produtivo como também prazeroso e enriquecedor.

Um dos primeiros softwares utilizados na introdução do computador em sala de aula foi o jogo da tabuada. A escolha não ocorrera por acaso, justamente para mostrar como um assunto tão rejeitado pelos alunos em geral poderia ser desenvolvido de forma extremamente prazerosa. Basicamente trata-se de um jogo no qual o aluno precisa encaixar o produto às questões das diferentes tabuadas de multiplicar. O que ficou evidente é que o habitual medo de errar de uma avaliação de tabuada deu lugar a um descontraído momento lúdico, o qual, para os menos avisados, passaria simplesmente por uma brincadeira. Ocorre que o medo cederá lugar à possibilidade de construção através do erro, fazendo o professor a mediação, ajudando o aluno a superar suas dificuldades. De fato, condenar sumariamente “todo e qualquer erro traduz uma ignorância a respeito do caráter interpretativo da (...) inteligência infantil. Será uma ignorância a respeito dos processos de assimilação se o erro for unicamente avaliado em relação ao ‘certo’ e não pensado a partir de sua qualidade intrínseca”.(De La Taille, 1997, p.30).

Destacaria como positivo o fato dos alunos trabalharem de forma cooperativa nesta atividade, tanto auxiliando seu colega de equipe a acertar quanto, no que diz respeito aos demais alunos, aplaudindo àqueles que obtiveram a excelência dos resultados. Segundo Piaget (1973), a cooperação é construída na reciprocidade entre os sujeitos. A cooperação caracteriza-se então, pela coordenação de pontos de vista diferentes, pelas operações de correspondência, reciprocidade ou complementaridade, e pela existência de regras autônomas de condutas fundamentadas de respeito mútuo.

Um software que os alunos trabalharam de forma cooperativa e corresponderam positivamente desde o primeiro momento foi o chamado Os Caça Pistas. Todo o jogo se passa as profundezas da floresta tropical de Numéria. Neste local, os Caça-Pistas tropeçam acidentalmente em um mistério: os animais estão desaparecendo e a Lagoa da Gosma está sendo contaminada. E, como se não bastasse, um famoso cientista chamado Horácio,

sumiu justamente quando acabou de descobrir estranhos acontecimentos na floresta.

Os Caça-Pistas precisam de ajuda. Eles ouviram a respeito de uma lenda sobre o Matra, um monstro que viveu há mais de mil anos na antiga Numéria e aterrorizava os habitantes do lugar. Será que o Matra voltou e é responsável pelos últimos acontecimentos? Para conseguir resolver o mistério, os pequenos detetives precisam encontrar as chaves e entrar na antiga Cidade Perdida, para isso terão que resolver desafios de ciências, português, matemática, geografia e lógica.



Figura 2. Software Os caça-pistas.

A primeira parte do software envolve os componentes curriculares de Matemática e Linguagem. Uma breve descrição de cada jogo permite ao leitor deste TCC uma compreensão maior acerca dos conceitos trabalhados.

1. Endereços de Pedra: o pobre macaco precisa de ajuda para organizar os endereços das casas. Sendo assim, os alunos precisam organizar a posição dos algarismos de acordo com instruções dadas pelo narrador;

2. Monumento: os habitantes do Reino dos Macacos construíram monumentos para homenagear seus antepassados, mas as placas identificam que as personalidades estão caindo. Ao calcular mentalmente operações de adição, multiplicação e subtração de números inteiros e decimais, os jogadores solucionam o problema dos monumentos;

3. O Poço e as Videiras: o poço é perigoso e precisa ser cercado para que ninguém corra risco de acidentes. Diferentes estratégias são utilizadas pelo aluno para calcular o perímetro do poço;

4. O Calendário da Rainha: os alunos devem seguir as orientações e chegar a uma conclusão sobre a data correta para alimentar a mascote da rainha. Para isso, utilizam operações fundamentais, raciocínio dedutivo e habilidades com o calendário;

5. Baú do Tesouro: o guarda do tesouro distraiu-se e prendeu a cauda no baú. Os alunos precisam colocar a quantia correta de dinheiro para que o baú se abra;

6. Abismo das Cobras: a única maneira de chegar do outro lado do abismo é atravessando a ponte. É necessário descobrir o número correspondente ao registrado no tronco para nivelar a ponte e poder atravessar;

7. Anéis de Fogo: para derrubar as paredes dos Anéis de Fogo e formar pontes, os jogadores devem decidir qual das operações utilizar a fim de transformar as letras em números e, dessa forma, solucionar o problema.

Todas as etapas apresentadas no software foram apreciadas em equipe, a afetividade entre os pares trabalhando de forma intrínseca com a cognição. De acordo com Piaget (1981), o papel da afetividade é funcional na inteligência. Ela é a fonte de energia de que a cognição se utiliza para seu funcionamento. Seguindo este viés do raciocínio, diz Piaget, “é o interesse e, assim, a afetividade que fazem com que uma criança decida seriar objetos e quais objetos seriar” (1981, p.10). Como os objetos de conhecimento constituem-se cognitivos e afetivos, assim ocorre em relação aos pares, os quais igualmente são “objeto” de conhecimento e de afeto.

Tão logo conseguissem vencer todos estes obstáculos aqui descritos, os alunos passavam para uma segunda fase do jogo, envolvendo atividades de Lógica. As atividades desenvolvidas foram:

1. Aranhas Irmãs: uma das aranhas quer saborear um prato igual ao de sua irmã. É preciso observar os pormenores para identificar a semelhança entre as formas que servirão de alimento à aranha;

2. Gralha Louca: alguns animais estão ingerindo uma poção e ficando “malucos”. Os alunos devem trancá-los à chave até que tudo volte ao normal. Para que a chave entre na fechadura, é necessário usar palavras corretas, que incluem sinônimos, antônimos, coletivos e analogias diversas;

3. Parasitas: as folhas da árvore parecem todas iguais, mas na verdade uma delas é um malvado parasita. Praticando a discriminação visual, a observação de pormenores e comparação de atributos, os alunos irão identificar a figura que apresenta uma pequena diferença das demais;

4. Mariposas e Pulgas: há um inseto nas costas da preguiça que a está mordendo. Ela descreveu as características desse inseto na placa pendurada na árvore. É preciso ler as informações e identificar semelhanças e diferenças para livrá-la do mal;

5. Férias das Minhocas: o ônibus está pronto para partir, mas as minhocas não encontram os assentos corretos. Os alunos devem seguir as instruções fazendo deduções e tentativas e comprovando hipóteses para colocá-las no lugar certo;

6. Rio da Criatura Gosmenta: a ponte que atravessa o rio onde mora a Criatura Gosmenta está quebrada. É preciso reconhecer padrões, seguir critérios, estabelecer sequências de números e letras para colocar as tábuas que faltam;

7. Cataratas da Gosma: os alunos devem chegar ao topo das cinco paredes das “Cataratas da Gosma” para obter a chave dourada. Para isso terão de fazer comparações, planejar e organizar informações e comprovar hipóteses.

Como o planejamento de vários dias de aula contava com o acesso ao Google Maps, nada mais justo que trazer para um jogo a temática da

localização espacial, dos pontos cardeais, entre outros tópicos trabalhados com o software da Google. A contemplar diversos conteúdos do componente curricular de Estudos Sociais, os alunos lançaram-se nos seguintes desafios:

1. Onde Você Está: para chegar ao local onde estão os Caça-Pistas é preciso seguir as orientações do mapa. São utilizados conhecimentos sobre pontos cardeais, longitude e latitude;

2. Pássaros em Férias: os pássaros já escolheram os roteiros de viagem. Com as informações fornecidas, é necessário localizar o destino de cada pássaro para que a viagem possa acontecer. Será efetuado o reconhecimento de regiões, países, estados, capitais, produção local, características geográficas e pontos turísticos.

Os componentes curriculares de Ciências, Artes e, novamente, Linguagem, são apresentados de forma interdisciplinar no software utilizado em sala de aula. Foram vários jogos a trabalhar com diferentes conceitos, tal como segue descrito abaixo:

1. Câmara da Ordem: as mãos malabaristas deixam cair as pedras e precisam da ajuda para reorganizá-las. Enquanto classificam as pedras, os alunos aprendem noções de biologia, geologia e física;

2. Câmara da Visão: uma mulher de muitos olhos apresentará uma visão dos fenômenos da natureza se os jogadores identificarem as fases de um determinado processo. Basta colocar as imagens em ordem seguindo uma seqüência lógica;

3. Câmara das Estruturas: os alunos devem montar esqueletos do mundo animal organizando as partes corretamente. Enquanto isso, aprendem anatomia dos animais, relacionam parte e todo e comprovam hipóteses;

4. Câmara da Ilusão: nem tudo é o que parece ser. A tarefa dos alunos é observar detalhes ampliados das imagens e relacioná-las com as informações para identificar o que vêem;

5. Câmara da Sabedoria: com o passar dos anos, as informações armazenadas no computador dos antigos *numérios* desordenaram-se. É

preciso organizar as informações de modo que a idéia principal apareça primeiro e as demais obedeçam a uma ordenação lógica;

6. Abismos da Perdição: para libertar os animais e resgatar o Dr. Horácio, é necessário construir cinco pontes, utilizando conhecimentos de linguagem. Os alunos identificarão sinônimos e antônimos, sílabas tônicas, categorias de palavras e classes gramaticais.

A interação entre os alunos a partir da provocação do professor para que resolvessem os desafios do software foi impressionante. Contudo, o mais importante a destacar é que os alunos empenharam-se em fazer cálculos de forma espontânea, sem que o professor solicitasse, mas porque eram indispensáveis para a continuidade do jogo – e os desenvolveram em um clima de alegria ímpar. Impossível pensar em uma resposta emocional e psicológica tão intensa se os recursos utilizados fossem apenas quadro e giz. Ao resolverem o enigma, a vibração positiva era experimentada por todos, resultado de um trabalho cooperativo, motivado a partir de um programa em um único hardware, o que igualmente nos faz questionar se é impossível trabalhar sem um computador por aluno. Sem sombra de dúvida, são os indivíduos que tornam a utilização do computador significativa, não a quantidade de máquinas disponíveis.

Faz-se indispensável destacar que a flagrante ausência de competição faz eco aos preceitos de Maturana (1999), o qual vê no competir um fenômeno cultural. Como fenômeno cultural, competir passa pela negação do outro e a supremacia do ego. Como a vitória de um só é possível pela derrota do outro, pode-se afirmar ser antiética toda a forma de competição.

Outro software, também utilizado de forma cooperativa, foi o CD-ROM Jogos Lógicos, da empresa Fun and Learning. Para que os alunos pudessem jogá-lo, o professor utilizou um notebook e um projetor multimídia, de forma que todos pudessem interagir simultaneamente, não privilegiando o aluno que estivesse “no comando” do mouse e teclado, pois todos os demais discutiam estratégias para vencer cada fase do jogo. Neste CD-ROM, encontram-se vários desafios que exercitam o raciocínio e aprimoram a resolução de

problemas através de jogos de seqüência de formas, números e enigmas. Os níveis de dificuldades aumentam de acordo com o progresso dos alunos, ou seja, cada nova etapa apresentada pelo software reflete as elaborações possibilitadas pelos níveis de desenvolvimento cognitivo. Quando a criança tem novas experiências, ela procura adaptar estes estímulos às estruturas cognitivas que já construíra. É o que Piaget chama de “assimilação”, que ele próprio define como:

...uma integração à estruturas prévias, que podem permanecer invariáveis ou são mais ou menos modificadas por esta própria integração, mas sem descontinuidade com o estado precedente, isto é, sem serem destruídas, mas simplesmente acomodando-se à nova situação. (PIAGET, 1996, p.13).

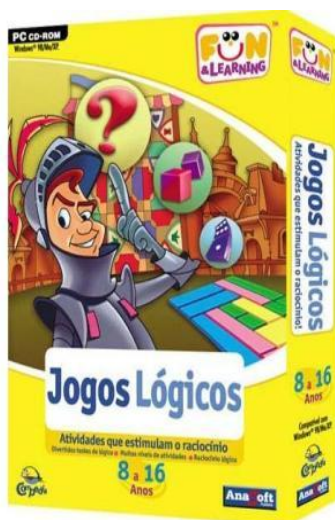


Figura 3. Software Jogos Lógicos

Ao trazer diferentes softwares para a sala de aula, estará o professor a dividir a atenção com o computador, o que exigirá uma postura de pré-disposição para tanto por parte do educador. Não é necessariamente uma confortável constatação perceber que uma máquina também tem coisas interessantes a “dizer” para os alunos. Contudo, não incorrer na equivocada conclusão de que terabytes¹² de espaço em disco e muita capacidade de processamento em um processador substituem um analógico ser humano é

¹² Uma unidade de armazenamento de dados. Um terabyte equivale a 1.024 Gigabyte. (Nota do autor)

modo indispensável do pensar tanto para o professor quanto para os educandos. Quem já esteve presente em uma hora do conto coordenada por alguém apaixonado por contação de histórias percebeu um envolvimento ímpar que naquele momento acontece, o qual certamente nos remete ao ideal de infância em que ouvimos histórias de nossos pais e avós, seguidas sempre de um beijo de boa noite e a certeza de que tudo estava bem.

De qualquer modo, vivemos na era da informação e esta nos chega principalmente através das tecnologias – computador, televisão, rádio (do mp4 player ou do celular), jornais e revistas. Faz muito que deixamos de nos informar exclusivamente por meio da tradição oral, agregando ao cotidiano outros meios, os quais nos propiciam acesso ao saber universal. Entretanto, posto que informação não signifique necessariamente conhecimento, as relações que se estabelecem entre os dados que coletamos aleatoriamente, e que gerarão conhecimento, continuarão a depender de nossa capacidade de comunicação com outros seres humanos. Como um computador só pode processar dados, são os indivíduos que tornam significativa a sua utilização em sala de aula. Richardson (2010) afirma que ao articular o computador com a prática pedagógica, a escola está promovendo o pensamento crítico e lógico, a criatividade e a intuição, promovendo o acesso à informação de qualidade, combinando o melhor da reflexão individual com a interação social.

Druker (1995, p. 156) afirma que a escola tradicionalmente trabalha com “a capacidade de efetuar multiplicações ou algum conhecimento da história...”, revelando-se avesso às práticas de memorização e automatização na educação. O autor alerta que “a sociedade do conhecimento necessita também do conhecimento de processos...” justamente o viés indispensável no trabalho de um educador. Para a teoria construtivista, o conhecimento é construído por um sujeito cognoscente ativo e inquisidor. A este mesmo sujeito jamais seria sinalizada a apatia em sala de aula e a passividade no processo de ensino-aprendizagem como uma postura desejável. É de Vigotsky a afirmação de que o desenvolvimento necessita que a aprendizagem se processe para que o primeiro seja possível. Por seu turno, Piaget nos lembra de que o conhecimento deve ser entendido como uma reorganização do real, através da

sua conceituação. Ele afirma ainda que “o principal objetivo da educação é criar homens capazes de fazer coisas novas, não simplesmente de repetir o que outras gerações fizeram, homens criativos, inventivos, descobridores”. (1964, p.5) Entende-se, deste modo, que o conhecimento só pode ser construído à medida que o aluno compreende, interpreta o real e nele interfere.

5.2 Início dos trabalhos com a Internet

Como já relatado, o questionamento a respeito do uso que os alunos fazem da Internet antecedeu todo o planejamento. Não raro é o que ocorre em sala de aula: planejam-se as atividades e, no momento em que se iniciam os trabalhos, fica evidente que muitas outras possibilidades podem ser agregadas ao tema. Não se permitir imobilizar pelo planejamento é a postura mais coerente. É desejável pensa-lo como uma trajetória desenhada a partir das aspirações do professor e de seus alunos para aquele dia. Afirma Perrenoud que o educador deve não apenas conhecer os conteúdos a serem ensinados, mas traduzi-los em objetivos que visem à construção do conhecimento, propondo-os a partir das representações dos alunos. Isso permite que um comentário inesperado por parte de um dos alunos, o qual não necessariamente esteja ligado à temática do dia, seja tomado como uma oportunidade de debate e crescimento mútuo. Tais mudanças nos procedimentos de ensino são extremamente saudáveis e bem-vindas quando resultado não de um professor hesitante, mas de sua atenção para com o todo, para com o agora e o amanhã, já antevendo possíveis desdobramentos para aquele momento. A relevância da qualidade da intervenção do professor é vista por Perrenoud:

As novas tecnologias podem reforçar a contribuição dos trabalhos pedagógicos e didáticos contemporâneos, pois permitem que sejam criadas situações de aprendizagem ricas, complexas, diversificadas, por meio de uma divisão de trabalho que não faz mais com que todo o investimento repouse sobre o professor, uma vez que tanto a informação quanto a dimensão interativa são assumidas pelos produtores dos instrumentos. A verdadeira incógnita é saber se os

professores irão apossar-se das tecnologias como um auxílio ao ensino, para dar aulas cada vez mais bem ilustradas por apresentações multimídia, ou para mudar de paradigma e concentrar-se na criação, na gestão e na regulação de situações de aprendizagem. (2000, p.139).

Visivelmente buscando mudar de paradigma quanto ao uso da tecnologia, para o primeiro contato com a Internet, o recurso utilizado fora o Google Maps, o qual permitiu um passeio pelos pontos previstos no planejamento – a cidade, o bairro em que fica a Escola, a capital do estado, etc – assim como sugestões que surgiram a partir da empolgação dos alunos: os estádios Beira-Rio e Olímpico, o aeroporto, o Parque Farroupilha, o lago Guaíba, Torres, entre muitos outros lugares. De qualquer modo, localizar a própria residência com o Google Maps foi, para dizer o mínimo, excitante. Para este trabalho foi utilizado um notebook, o serviço de Internet 3G, o projetor e um telão. Ao final do dia, alguns alunos disseram que aquele foi o “melhor dia de aula” que já tiveram desde que entraram na Escola.

Anterior ao contato com a Internet visando à produção escrita, os alunos foram convidados a ler, semanalmente, no mínimo uma obra da literatura infantil disponível na biblioteca da Escola. Especificamente para o trabalho de produção textual, a Internet começou a ser utilizada com os contos infantis ilustrados do site Universo Online¹³. O professor passara a sequência de gravuras deste conto, cujo tema era o medo e só trazia imagens e algumas onomatopeias. O próprio professor criara uma história, de forma oral, incentivando os alunos a auxiliá-lo na tarefa. Concluída a história, uma nova sequência fora apresentada. Desta vez, os alunos deveriam, também de forma oral, criar a história, sempre pedindo a vez, sinalizando com a mão, para colaborar. O tema da história novamente tratava do medo, desta vez do medo do desconhecido. O título da história sem texto era O Enigma¹⁴.

Por fim, uma outra sequência de imagens vinha acompanhada de nova proposta: cada dupla de alunos deveria criar sua própria história, por escrito, de

¹³ Disponível em http://sitededicas.uol.com.br/conto_sem_texto7_pg1.htm

¹⁴ Disponível em <http://sitededicas.uol.com.br>

acordo com as imagens, usando de toda a sua criatividade. Para tanto, utilizou-se a história ilustrada intitulada O Menino e o Presente¹⁵. Novamente o medo do desconhecido fora o tema. Desta feita, o personagem deixava de abrir uma caixa porque receava que seu conteúdo oferecesse perigo. Foi feito um gancho quanto ao perigo REAL de abrir caixas que não nos pertencem, ou enviadas por remetentes desconhecidos, ou, ainda, aceitar objetos de estranhos, etc.

Encerrada esta etapa, cada aluno individualmente escolheu uma das sequências para escrever uma história no próprio caderno e apresentá-la para os demais de forma oral.

Tanto na produção textual quanto nos comentários feitos oralmente, os alunos demonstravam estar decididos a superar certos medos, os quais passaram a julgar como tolices de sua parte. Tal constatação surgiu quando se iniciou o trabalho com poesias que falavam do cemitério. Talvez pelo fato de um local supostamente tão provocador de medos servir de pano de fundo para poesias, concluíram que alguns de seus medos fossem o resultado de uma dimensão exagerada que estivessem a emprestar a determinados objetos, fatos e/ou indivíduos que os intimidam.

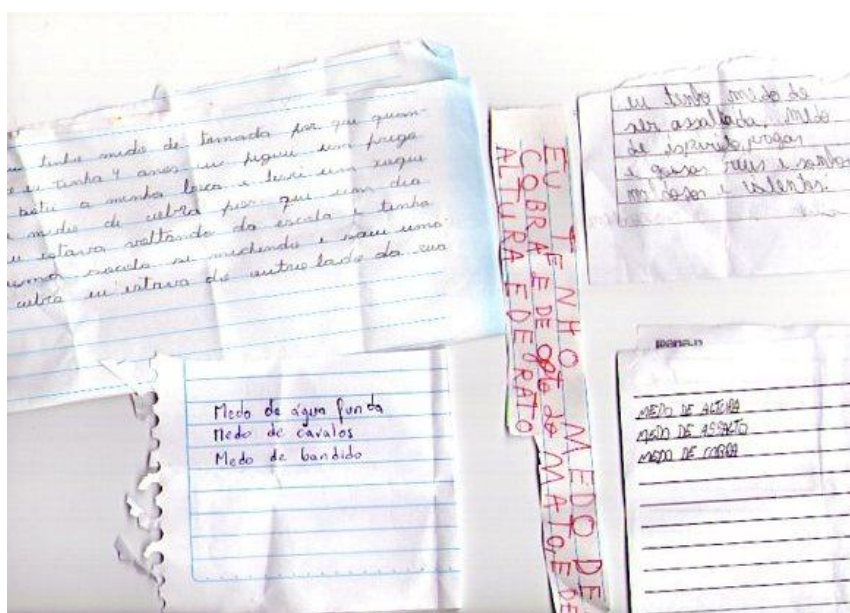


Figura 4. Alunos escrevem de forma anônima sobre seus medos.

¹⁵ Disponível em <http://sitededicas.uol.com.br>

De forma bastante crítica, os alunos demonstraram análise clara acerca dos diferentes medos, destacando aqueles que nos poupam de ferimentos e até da morte, como os citados por eles:

1. Medo de pular do telhado da casa;
2. Medo de pular do segundo piso da Escola, exatamente onde está nossa sala;
3. Medo de colocar a mão na corrente elétrica;
4. Medo de ondas altas no oceano;
5. Medo de andar de bicicleta em avenidas movimentadas.

Com relação à pesquisa para o projeto de aprendizagem, os alunos demonstraram uma familiaridade maior com o computador, utilizando principalmente a Wikipedia¹⁶ para procurar informações. Num primeiro momento, o professor percebera que eles encontraram dificuldade em filtrar os links sugeridos pelo Google. Como disse um deles, “é muita coisa para a gente escolher em pouco tempo.” O professor sugeriu a aqueles que dispunham de Internet em casa, que dedicassem tempo a consultar os sites apontados pelo Google; mesma orientação para os que tinham acesso através de uma *lan house*. Entretanto, na sala de aula, com um notebook apenas conectado à Internet, indicar um site como a Wikipédia passa longe de ser uma heresia pedagógica.

5.3 O trabalho com produção textual

No início do ano letivo, ainda no período dedicado à sondagem dos conhecimentos dos alunos, foi possível avaliar lacunas consideráveis no que diz respeito à produção textual, entre elas:

- a) Dificuldade em iniciar uma produção escrita;
- b) Alguns alunos verbalizando que não sabiam escrever um texto, só copiar do quadro;

¹⁶ Enciclopédia online de livre acesso e edição, disponível em <http://www.wikipedia.org> (Nota do autor)

- c) Outros alunos afirmando que se tratava de uma atividade tediosa;
- d) Produções consideravelmente pobres, sem atrativos para o leitor das mesmas;
- e) Nasalizações das palavras, como em “amanhan” em lugar de amanhã;
- f) Interferência do código utilizado na fala em inúmeras palavras como, por exemplo, em “chego” no lugar de chegou, “tava” em vez de estava, “foru” quando o correto seria foram;
- g) Trocar “am” por “ão” em todas as palavras com som que se assemelha ao final com as duas vogais, como em chegaram, viram, estavam, assim como a já citada foram, as quais foram grafadas como “chegarão, virão, tavão e forão;
- h) Problemas de concordância verbal e nominal, acentuação gráfica, troca de consoantes – “áqua” em lugar de “água” – preenchimento de linhas com palavras que em nada contribuíam para a construção de um texto coeso, sem nexos a interligar os parágrafos.

Como não seria possível trabalhar todas as dificuldades apresentadas ao mesmo tempo, a questão da ausência de nós entre os parágrafos, e que os alunos escreviam sem ter claro que uma história precisa ter início, desenvolvimento e conclusão, fizeram com que a opção escolhida para tal fosse a sequência de imagens. Assim, nesta que foi uma das primeiras tentativas de fazer com que os alunos compreendessem como pensar a estrutura de um texto, a disposição de imagens em uma sequência lógica os permitiria escrever de acordo com esta, entendendo cada imagem como um novo parágrafo. Os alunos gostaram de construir um texto a partir da disposição de desenhos, no caso, o peixinho com o guaxinim à espreita. Percebeu-se que vários procuraram fugir do óbvio e básico, algo como “o peixinho estava nadando quando apareceu um guaxinim. O guaxinim pegou o peixinho e o comeu.” Seus textos foram bem mais descritivos, alguns sutis, mencionando a cor do peixinho e sua tranquilidade enquanto nadava no recipiente de vidro. E como guaxinim não se trata de um animal do cotidiano das crianças, determinar o nome do animal foi algo que eles precisaram fazer, posto que o professor optasse por não dar a resposta. Seguiu-se a este

desafio, consultar o dicionário a fim de determinar a grafia correta, se com X ou com CH. Assim, uma preocupação com a ortografia correta das palavras surgira espontaneamente.

A “Hora do Conto” foi utilizada para que os alunos ouvissem e lessem produções em prosa e verso, tanto clássicos da literatura mundial quanto obras que tiveram alcance menor, mas nem por isso menos valor. Sendo assim, trabalharam-se obras de Andersen, Monteiro Lobato, Cecília Meireles, La Fontaine, Esopo, Ziraldo e Grimm, entre muitas outras.

No início de cada aula, o professor introduziu o hábito da leitura de uma história que mostrasse valores humanos. A obra escolhida, de nome Histórias Para Aquecer o Coração (CANFIELD, HANSEN e McNARAMA, 2001), encantou a cada aluno ao falar de bondade, desprendimento, sofrimento e superação pessoal, além de outros temas. O professor fazia a leitura e os comentários, convidando os alunos para que igualmente falassem acerca da história ouvida, destacando os pontos mais significativos, justificando a escolha. A intenção do professor aqui fica clara: mostrar seu prazer em ler e falar acerca das histórias de vida relatadas, não raro construindo teias entre os valores trabalhados e aqueles necessários para os alunos fazerem suas escolhas, posto que cada aluno traga para a sala de aula sua maneira ímpar de aprender, como observa Celso Antunes:

Distancia-se do perfil de hoje o professor apenas preocupado com os fundamentos e os conteúdos da disciplina que leciona; conhece-los, evidentemente, é importantíssimo, mas compreender a maneira como a mente opera o conhecimento e assimila-o é primordial. (ANTUNES, 2002, p.15).

Semanalmente, os alunos tinham um momento semelhante: trocando de lugar com o professor, mostravam a todos um livro recentemente lido, falando a respeito do mesmo, convidando os demais a lê-lo. Tal atividade foi registrada

em vídeo e encontra-se disponível no site de vídeos da Google, o You Tube¹⁷, mais precisamente em http://www.youtube.com/watch?v=_JLwF4FjOcY.

O planejamento também acolheu a proposta de trabalho com poesias da coleção correspondente ao concurso “Olimpíadas da Língua Portuguesa”, cujo material oficial distribuído para as escolas encontra-se disponível em <http://olimpiadadelinguaportuguesa.mec.gov.br/olimpiada>. O que motivou ao professor incluir tal proposta de trabalho em seu planejamento não foi apenas concorrer a uma determinada premiação, mas principalmente fazer deste elemento motivador – o prêmio oferecido – a alavanca para o início do trabalho de leitura e escrita de textos poéticos.

Outra estratégia utilizada para motivar os alunos a conhecer algo, refletir e escrever a seu respeito, foi novamente a utilização do site You Tube, mas desta feita para assistir a vídeos de temática variada. Talvez o vídeo que mais sucesso fez entre os alunos seja aquela que mostra o cãozinho-robô japonês AIBO, disponível em http://www.youtube.com/watch?v=6ybUZ_WXL6U e que resultou em comentários entusiasmados tanto de forma oral quanto escrita. Apesar do encantamento dos alunos no tocante ao robzinho da japonesa Sony, 100% deles manifestaram preferência por um animal "de verdade". Dentre as questões trabalhadas, deveriam argumentar quanto as vantagens e desvantagens de cada um, tal como segue:

Vantagens do cachorro robô citadas pelos alunos (em suas próprias palavras):

1. Quem tem alergia vai poder ter um cachorro;
2. Ele não faz "sujeira" pelo chão;
3. Não precisa dar água nem comida;
4. Não precisa de uma casinha;
5. Não incomoda;
6. Não morde as visitas.

¹⁷ Site que permite ao usuário fazer o upload de vídeos próprios e disponibilizá-los na rede. (Nota do autor)

Discutiram-se acerca de cada item, principalmente os de número 3 e 4, para esclarecer se estávamos diante da opinião de indivíduos preguiçosos, que não querem doar um pouco de seu tempo a um animalzinho que doa *todo* o tempo ao dono. Felizmente ficou claro que ninguém na sala acha enfadonho cuidar do seu bichinho de estimação.

De todo modo, no que diz respeito às vantagens de um cachorro de verdade, destacou-se que:

1. Ele nos dá carinho;
2. Ele não estraga (cabe mencionar que se conversou acerca da dificuldade de consertar AIBO aqui no Brasil, posto que ele não esteja à venda em nosso País);
3. Ele não custa caro e pode sair de graça se for adotado;
4. Ele é amigo;
5. Ele é mais brincalhão.

A partir destas constatações os alunos produziram textos, visivelmente mais ricos do que os primeiros textos do ano letivo. Não apenas mais longos, mas melhor escritos, mais coerentes e coesos.

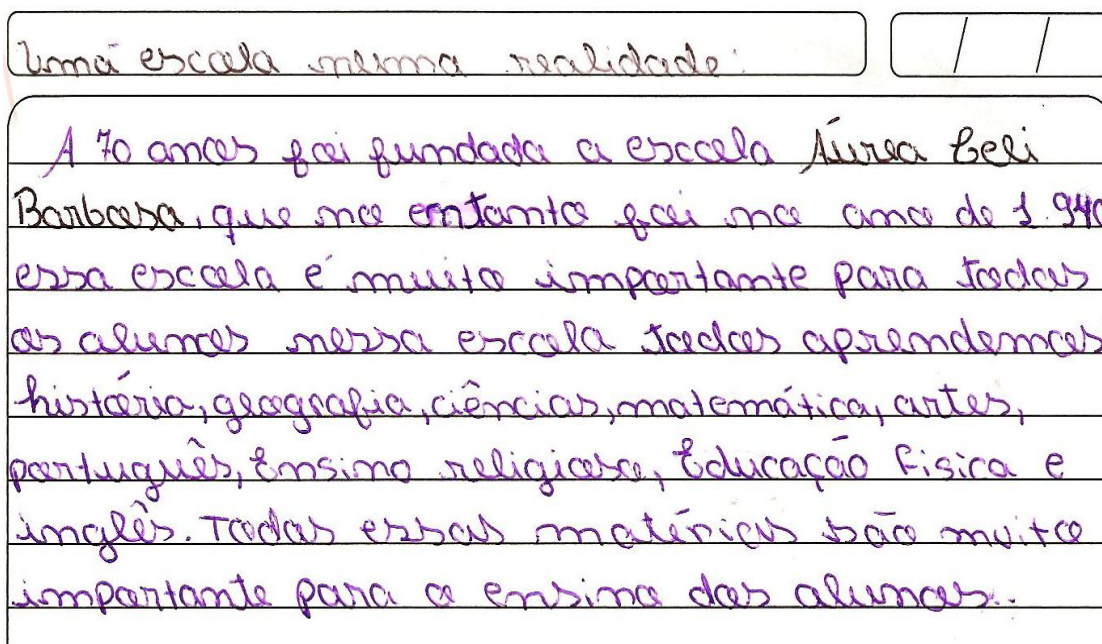


Figura 5. Texto de uma aluna no início do semestre.

história inventada!!!

Éra uma vez uma menina que se chamava Yasmim ela estudava na Turca junto com sua amiga Juliana, as duas eram muito inteligentes sabiam tudo sobre as matérias, até que um dia elas foram chamadas para ir para outra escola, mas a menina como amava a Turca, ela decidiu a ficar na escola Turca. Lá ela estudou passou todas as aulas, mas lá na escola não tinha 1º ano ela chorou muito logo viu que ela tinha que ficar feliz, por que a final de contas ela estava crescendo, ela sabia que um dia isso ia acontecer, ela saiu da escola. Mas antes de ela ir embora ela fez uma grande homenagem a escola, ela montou várias atividades para a escola.

Figura 6. Texto de autoria da mesma aluna, com igual temática, ao final do semestre.

Outra provocação de produção textual foi a produção de um telejornal dentro da turma. A temática do jornal fora a abolição da escravidão e o trabalho escravo no Brasil do século XXI. O professor iniciou o trabalho com imagens de pessoas submetidas a trabalho escravo atualmente. Os alunos mostraram-se primeiramente chocados com tais fotos. Em paralelo, mostrou o professor pinturas que retratam o mesmo problema, mas à época da escravidão. Alguns chegaram a perguntar se aquelas pinturas mostravam "coisas que realmente aconteceram" (palavras deles). Até o momento, sua noção de escravidão resumia-se ao trabalho sem pagamento de salário a indivíduos da raça negra. Como o planejamento foi muito além desta noção deveras restritiva, os alunos foram novamente pegos de surpresa com a existência de trabalho escravo no bairro em que se situa a Escola. Um dos alunos relatou com minúcias o cotidiano de um senhor, conhecido de sua família, o qual trabalha numa olaria da cidade, sem nada receber, em troca de

casa e comida. Os alunos fizeram-lhe algumas perguntas e sempre esperavam trouxe o fato, permitindo-lhe que fizesse mais e mais o uso da palavra, principalmente por tratar-se de um menino muito tímido.

De qualquer modo, os alunos fizeram praticamente todo o trabalho de pesquisa acerca da escravidão em aula, concluindo em casa apenas a parte de leitura do seu texto final. Cada grupo criou o texto que seria apresentado e escolheu as imagens a projetar na tela ao fundo, a fim de que tudo se parecesse o mais possível a um jornal da televisão. Utilizando imagens escolhidas pelos alunos no notebook, o projetor, o telão, a caixa de som e dois microfones, os alunos apresentaram o tema por meio de textos de autoria própria.

O trabalho com produção textual passou a aprofundar-se ainda mais no momento que os alunos começaram a elaborar seus projetos de aprendizagem. Eles foram orientados a pensar em um assunto que apreciassem e a respeito do qual gostariam de ampliar seus conhecimentos a respeito. No diálogo com o professor acerca da dinâmica deste trabalho, eles demonstraram certa incredulidade quanto à possibilidade de fazer um trabalho acerca de um tema de seu interesse e não a partir da determinação do professor. Certamente se tratava de algo singular para todos aqueles 28 alunos, ou não pareceriam tão céticos a respeito. Assim, os alunos elencaram as temáticas que mais despertavam apreço ou curiosidade. Em seguida, formaram grupos a partir dos temas escolhidos, pela similaridade. Em grupo, conversaram sobre o que já sabiam a respeito, tomando notas. Da mesma forma, comentaram com seus colegas de grupo o que gostariam de saber sobre o assunto, contemplando o momento das certezas (provisórias) e dúvidas (temporárias), que receberam o nome de "o que já sei" e "o que eu gostaria de saber".

O trabalho em grupo foi algo natural para os alunos, dado que estavam trabalhando de forma cooperativa desde o início do ano letivo, sendo a competição desestimulada em prol do sucesso do grupo e de cada um. A opção do professor pelo viés cooperativo não foi fruto do acaso, pois Piaget

nos lembra de que “... cooperar na ação é operar em comum, isto é, ajustar por meio de novas operações (qualitativas ou métricas) de correspondência, reciprocidade ou complementaridade, as ações executadas por cada um dos parceiros”. (Piaget, 1973, p. 105).

De fato, prever em seu planejamento o trabalho com projetos de aprendizagens indica um claro desejo por parte do professor: o de devolver ao uso da linguagem seu papel sócio-histórico. Privilegiar na práxis cotidiana projetos de aprendizagens é tornar a pesquisa e a reflexão significativas para o educando, fazendo de sua escrita uma forma de interferir no seu entorno. De fato, para Suassuna:

(...) a linguagem é uma ação sobre o outro e sobre o mundo e essa ação é marcada por um jogo de intenções e representações. (...) pensar a linguagem implica, necessariamente pensar o contexto em que ele se atualiza. A linguagem nada tem de acabado: apresenta-se, sempre como um conjunto de alternativas que se (re) fazem no seu próprio fazer. (SUASSUNA, 2002, p.117).

A metodologia dos projetos empresta novo sentido à prática da produção textual, posto que o aluno escreva a partir do que lhe envolve, desacomoda e angustia. Agregar este processo às inúmeras possibilidades de troca com outros colegas por meio dos recursos disponíveis em um blog ampliará a riqueza do trabalho proposto. Sujeitos com contextos cognitivos que se aproximam terão no trabalho com projetos e blogs um elo que os impulsiona a buscar aprofundamento na busca pelas respostas às questões a que se propõem responder.

6. Considerações finais:

Durante a realização do estágio docente, assumiu o professor o desafio de trabalhar a produção textual dos alunos de forma a capacitá-los a trazer à vida palavras que estavam latentes. Que as produções destes não fossem resultado de mero improviso diante de uma exigência docente, mas a expressão do desejo de comunicar ao mundo suas fantasias, descobertas, inquietações e sonhos de toda sorte.

Posto que a alma infantil siga a encantar-se com os mistérios dos contos de fadas e fábulas, a acreditar que os animais possam utilizar um código linguístico idêntico ao nosso, e que magia, cotidiano e compromissos cabem todos dentro de uma mochila às suas costas, todo o trabalho de produção escrita visara permitir-lhes utilizar sua língua materna com o intuito de cativar seus leitores de forma criativa e intensa, ao mesmo tempo em que se deixavam encantar com o trabalho de outros autores.

O projeto de aprendizagem, a arquitetura pedagógica que guiara seus passos, mostrou-se escolha acertada na formação de um discente que pesquisa, contextualiza, produz e publica o que é de sua autoria, enquanto igualmente aprecia as ideias alheias.

Esta pesquisa nos permite acreditar em uma única escola: aquela na qual todos são convidados a participar, a desenvolver suas habilidades e competências, a deixar aflorar o que há de mais verdadeiro em sua pessoa, tendo respeitada sua individualidade e valorizada sua singularidade. Que todo educador se permita um momento de reflexão acerca das palavras de Stefani sobre o cotidiano nas escolas e a criatividade – sufocada – de nossas crianças:

“(...) se as marcas da mutilação no potencial criativo das crianças de repente surgissem em seus corpos, não sei se suportaríamos a visão: crianças mutiladas, faltando mãos, pés...”
(1997, p. 17)

É preciso não permitir que se perpetue tal mutilação, sequer por mais um único dia. É urgente arrancar toda a forma de mordida de nossas crianças e permitir-lhes utilizar a linguagem em seu papel sócio histórico. Trabalhar com projetos de aprendizagens é provocar-lhes este desejo pela descoberta, é aproximar práxis e curiosidade infantil, é fazer com que andem de mãos dadas o planejamento pedagógico e os objetivos daqueles para os quais a escola existe. Estimular uma produção textual contextualizada é fazer da pesquisa e da reflexão práticas significativas para o educando, tornando sua escrita uma forma de interferir no seu meio.

Via de regra, a escrita segue sendo empregada apenas por um viés utilitário e com vista à apreciação de um único leitor: o professor. Escrever é uma arte, assim como a composição musical, a expressão plástica, a dança e o teatro. Tomar a produção escrita exclusivamente como sinônimo da capacidade de utilizar uma estrutura vocabular maior ou menor e com correção gramatical é desvalorizá-la em sua essência, que é a de conduzir o homem além dos limites temporais, físicos e de espaço.

Em face de todos os argumentos expostos ao longo desta pesquisa, urge pensar a escola como espaço para fomentar criatividade, promover leitura e expressão significativas, ensinar a ver as dificuldades apenas como novos desafios, visando o cultivo da sensibilidade e a formação da autonomia.

Ao tratar sobre produção textual, esta pesquisa trouxe como primeira razão para uma escrita tão estéril uma flagrante carência de conteúdo acerca dos temas comumente solicitados pelos professores nas atividades de redação dos alunos. Portanto, é indispensável que o aluno se aproprie da temática indicada a fim de que possa escrever com conteúdo, precisão e elegância, ou seu texto estará fadado ao vazio de rodeios sem fim. Uma das formas apontadas para suprir lacunas fora a pesquisa em diferentes fontes, tais como a Internet, jornais, dvds, entre outras mídias.

De todo modo, a fim de que o aluno experimente motivação para escrever, haverá de ter claro qual o objetivo para tal empreendimento e quem

será o leitor de sua obra. A divulgação de sua produção escrita através de um blog, de varal de histórias ou de publicação nos jornais – escolar, comunitário ou de circulação regional – certamente concorrerá para que o aluno seja lido, conhecido, apreciado, interpelado, desequilibrando-o a partir dos comentários de seus leitores.

Ao aproximar-se o final do primeiro semestre letivo e com o intuito de avaliar a satisfação dos alunos em relação aos projetos e a qualidade de sua escrita, uma atividade que foi desenvolvida apontava para a produção de um pequeno texto cujo tema deveria ser o projeto de aprendizagem do seu próprio autor. Neste texto, deveria constar:

1. A razão da escolha do tema;
2. O que já aprendera de novo sobre o tema;
3. O que sabia acerca do tema e que se mostrou equivocado;
4. Como tinha sido pesquisar com os demais colegas de grupo;
5. Pontos positivos e negativos do trabalho em grupo.

O resultado foram textos bem construídos, coesos, coerentes, os quais contemplavam plenamente os cinco itens apontados pelo professor. Os textos apresentaram conectivos, ou seja, elementos que ligam orações e que são usados para buscar coesão textual. Os períodos, mais curtos e objetivos, foram empregados pela maioria dos alunos, os quais procuravam evitar assim uma possível confusão textual. Tendo todas as produções em mãos, foi possível averiguar que:

a) Os alunos buscaram harmonizar os parágrafos, como se o seguinte conversasse com o anterior e estivesse a preparar a chegada de um novo. É o que em linguística é chamado de encadeamento semântico e sintático, relativo ao significado e a certas classes gramaticais (preposições, advérbios, etc) respectivamente;

b) Os textos apresentaram ideias claras e bem mais precisas quando comparadas às produções do início do ano letivo;

c) Foi flagrante o desejo de escrever com mais correção gramatical, dentro das normas da língua culta;

d) Os alunos experimentaram maior segurança ao apresentar suas produções, tanto para o professor quanto para os demais alunos, fosse por meio de leitura em voz alta ou para apreciação em varal, murais ou nos projetos de aprendizagens.

Concluindo, pode-se afirmar que este foi um trabalho de inclusão digital, de resgate da autoestima de educandos menos favorecidos e de sua cidadania. Devolvera aos alunos a certeza de que a escola pode e deve ser um lugar em que se constrói conhecimento com alegria, com prazer e comprometimento de todos. E que aprender não precisa ser enfadonho ou moroso, mas apaixonante e extremamente libertador. De fato, quando um aluno expressa "a aula de hoje foi muito divertida", sem sombra de dúvida, os objetivos que nortearam este trabalho foram alcançados. Diante de uma avaliação tão expressivamente positiva do trabalho pedagógico, como ilustram os gráficos e demais documentos dos anexos, percebe-se que o professor soube extrair da teoria o lastro necessário que lhe permitisse proporcionar aos docentes um ambiente de ensino/aprendizagem envolvente, atual, dinâmico, multimídia, crítico e inclusivo, permitindo-lhes construir não apenas projetos de aprendizagens significativos, mas uma imagem positiva de escola, de práxis pedagógica, da figura do professor e, acima de tudo, de si mesmos.

7. Referências:

ABREU, Maria C. & MASETTO, M. T. O professor universitário em aula. São Paulo: MG Editores Associados, 1990.

ANTUNES, Celso. As inteligências múltiplas e seus estímulos. 8ª ed. Papirus Editora, 2002.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais. Língua Portuguesa. Ministério da Educação e do Desporto. Vol.2, Brasília, 1997.

CANFIELD, Jack, HANSEN, Mark Victor e McNARAMA, Heather. Histórias Para Aquecer o Coração. Tradução de Fabiana Colasanti e Ao Pé da Letra. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

DE LA TAILLE, Yves. O erro na perspectiva piagetiana. In: AQUINO, J. (Org.) Erro e fracasso na escola. São Paulo: Summus, 1997.

DRUCKER, Peter. Sociedade pós-capitalista. São Paulo, Pioneira Editora, 1995.

FITZGIBBON, Kathleen. Teaching with wikis, blogs, podcasts and more. USA: Scholastic, 2010.

FREIRE, P. A educação como prática de liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 18ª ed. São Paulo: Paz & Terra, 2001.

FREIRE, Paulo. A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam. 22ª ed. São Paulo: Cortez, 1988. 80 p.

FREITAS, J. C. (1992a). As NTIC na Educação: Esboço para um Quadro Global; in J. Correia de Freitas e V. Duarte Teodoro (eds), Educação e Computadores, Lisboa: Ministério da Educação, Gabinete de Estudos e Planeamento, série: Desenvolvimento dos sistemas Educativos.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo, Editora 34. 1999.

LUFT, Celso Pedro. Língua e liberdade. 7ª ed. São Paulo: Ática, 1999.

MATURANA, H. Emoções e linguagem na educação e na política. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MICROSOFT. Segurança de blogs. Dicas para proteger seus filhos online.

Disponível em:

<<http://www.microsoft.com/brasil/protect/family/activities/blogging.msp>>

Acesso em: 10 de outubro de 2010

MONTANGERO, Jacques. Piaget ou a inteligência em evolução. Porto Alegre: Artmed, 1998

MORAN, José Manuel, MASETTO, Marcos e BEHRENS, Marilda. Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica. 16ª ed. Campinas: Papirus, 2009.

PERRENOUD, Philippe. Dez Novas Competências para Ensinar. Porto Alegre (Brasil): Artmed Editora, 2000.

PIAGET, Jean. (1954) Intelligence and affectivity: their relationship during child development . Annual Reviews, Palo Alto-CA, (ed.USA, 1981).

PIAGET, J. (1973) Estudos sociológicos. Rio de Janeiro: Forense.

PIAGET, Jean. A equilibração das estruturas cognitivas: problema central do desenvolvimento. Tradução Marion M. dos S. Penna. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

PIAGET, Jean. Fazer e compreender. São Paulo: Melhoramentos; Ed. USP, 1978.

PIAGET, Jean. O possível e o necessário: evolução dos possíveis na criança. Tradução Bernardina Machado de A. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

PIAGET, Jean. Biologia e Conhecimento. 2ª Ed. Vozes: Petrópolis, 1996.

RICHARDSON, Will. Blogs, wikis, podcasts, and other powerful Web tools for classrooms. 3ª ed. USA: Corwin Press, 2010.

SEQUEIRA, Manuel (1989). A informática na interface da formação psicológica com a prática pedagógica. Revista Portuguesa de Educação.

SERAFINI, Maria Tereza. Como escrever textos. Tradução de Maria Augusta Bastos de Matos 9ª ed. São Paulo: Globo, 1998.

STEFANI, Rosaly. Leitura, que espaço é esse? - uma conversa com educadores. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 1997.

SUASSUNA, L. Ensino de Língua Portuguesa - uma abordagem pragmática. Campinas: Papyrus, 1995.

VYGOTSKY, L. S. Pensamento e linguagem. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L. S. A Formação Social da Mente. Tradução de José Cipola Neto. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WIKIPEDIA. Enciclopédia Livre, A. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org>>

8. ANEXOS

Anexo 1: Recebendo feedback dos pais e alunos pelo trabalho.

O final do período de estágio, em 17 de junho, igualmente sinalizaria com a saída do professor, por sua opção pessoal. Entretanto, em face de reiteradas solicitações por parte da Direção da Escola, dos alunos da turma e dos pais destes, o professor decidiu permanecer até as férias de julho, finalizando suas atividades com o término do semestre. Ainda que os alunos não se mostrassem felizes com a decisão, a Direção e os pais entenderam perfeitamente que seria difícil conciliar 60 horas de trabalho semanais com o PEAD e outras demandas da vida sem perceber que alguma área estaria sendo negligenciada.

De todo modo, o professor promoveu ao final do semestre, uma avaliação da satisfação de pais e alunos com o trabalho desenvolvido, a relação professor x aluno, assim como a relação professor x pais. Para tanto, cada aluno levou para casa um questionário com quatro perguntas. Assim, em 15 de julho, faltando poucos dias para as férias de inverno, foram enviados 28 questionários com a seguinte introdução e questionamento:

"Senhores pais:

Estamos encerrando o 1º semestre de 2010. Uma etapa da vida escolar de seus filhos se completará em breve. Desde março estamos, dia após dia, empreendendo esforços para que os alunos da turma 54A aperfeiçoem suas habilidades e competências e cresçam em seus conhecimentos.

Para tanto, fiz tudo o que estava ao meu alcance, dando o melhor de mim em sala de aula e utilizando os mais variados recursos para atingir os objetivos que foram propostos para este período. A fim de saber como os senhores avaliam meu trabalho, peço a gentileza de responderem as quatro questões abaixo, marcando apenas um X para cada pergunta.

O resultado desta avaliação colaborará para meu aperfeiçoamento profissional, intento que persigo cotidianamente.

Anexo 2: Avaliação da relação professor X aluno feita pelos pais.

A relação professor x aluno, ou seja, a maneira como o professor trabalhava com as crianças, a forma de tratar com eles, conversando, aconselhando, chamando a atenção, etc, em sua opinião foi:

() Muito satisfatória, pois o professor sempre demonstrou tranquilidade, firmeza nas regras e no trato dos conflitos e carinho pelos alunos.

() Satisfatória, pois o professor na maioria das vezes conseguiu resolver conflitos e manter as regras com tranquilidade, demonstrando carinho pelos alunos.

() Regular, pois o professor demonstrava um humor instável, às vezes conduzindo os conflitos de forma harmoniosa, outras vezes assumindo uma postura menos paciente.

() Insatisfatória, pois o professor demonstrou não estar preparado para lidar com conflitos e demais necessidade que surgem em uma sala de aula.

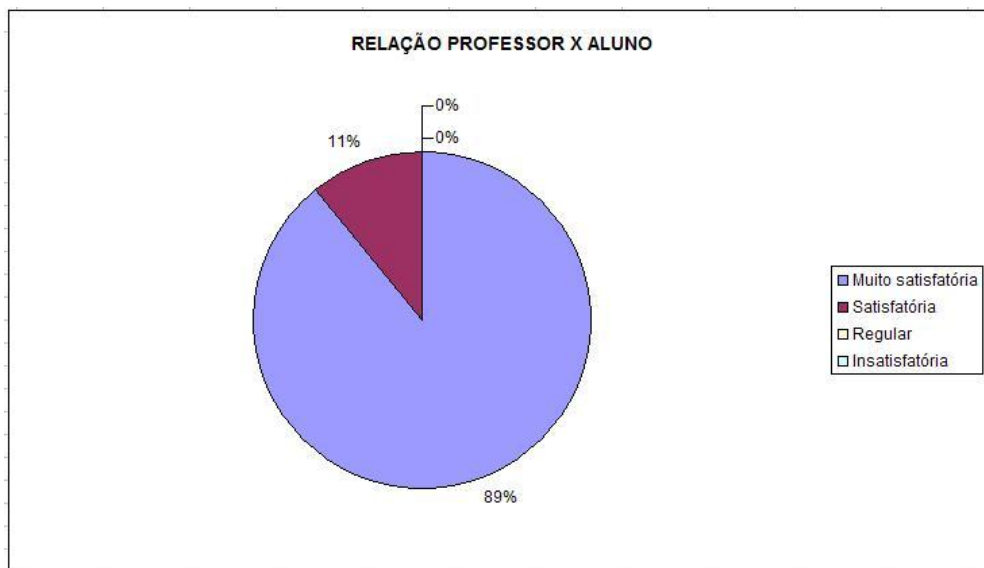


Figura 4. Gráfico da relação professor X aluno

O gráfico anterior ilustra a tabulação dos resultados abaixo:

Muito satisfatória	25
Satisfatória	3
Regular	0
Insatisfatória	0

Anexo 3: Avaliação da relação entre pais e o professor feita pelos pais.

A relação entre o professor e os pais dos alunos, em sua opinião, foi:

() Excelente, pois o professor sempre recebeu a todos com educação, demonstrando interesse pelos questionamentos levantados, paciência e prontidão para resolver todos os problemas.

() Boa, pois o professor recebia os pais com educação e interesse pelos questionamentos feitos, mas poderia demonstrar esta mesma postura todas as vezes em que era procurado.

() Ruim, pois o professor não demonstrou interesse algum em ter um bom relacionamento com os pais dos alunos.

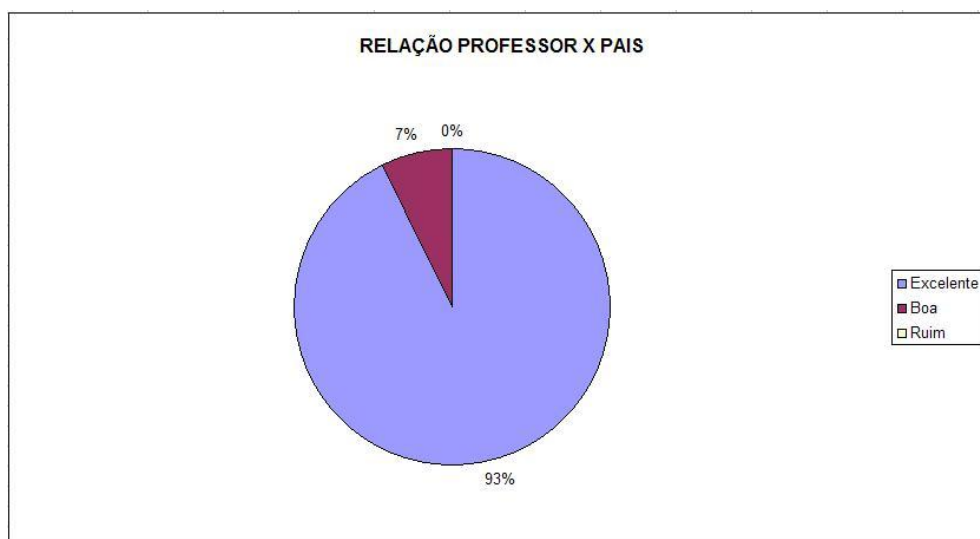


Figura 5. Gráfico da relação professor X pais

Este gráfico acima é resultado da seguinte tabulação de dados:

Excelente	26
Boa	2
Ruim	0

Anexo 4: Avaliação da metodologia utilizada pelo professor feita pelos pais dos alunos.

A metodologia escolhida pelo professor, isto é, a maneira como ele trabalhava os conteúdos com os alunos, em sua opinião, foi:

() Excelente, pois era cheia de novidades, interessante e criativa, mantendo os alunos atentos e comprometidos nos estudos.

() Boa, pois parecia bastante criativa, mas eu prefiro uma aula mais tradicional, da forma como era "antigamente".

() Ruim, pois eu percebi que os alunos não aprendiam muita coisa. Parecia muita "festa" com pouco resultado.

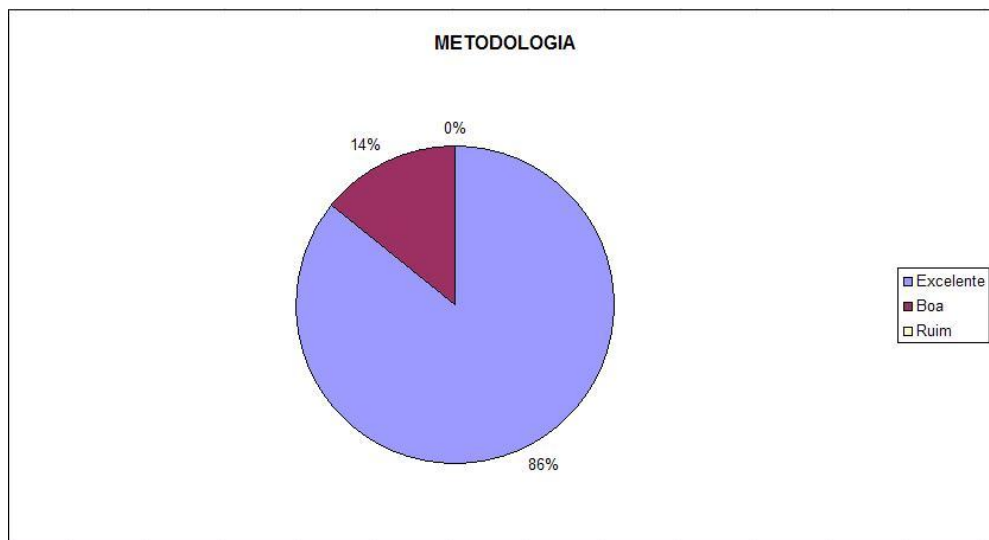


Figura 6. Gráfico referente à metodologia do professor (Opinião dos pais)

O gráfico sobre metodologia foi construído a partir dos seguintes dados:

Excelente	24
Boa	4
Ruim	0

Anexo 5: Avaliação acerca do uso do computador e da Internet em sala de aula feita pelos pais dos alunos.

O professor trabalhou praticamente todos os dias com o computador em sala de aula, conectado na Internet, trazendo para os alunos jogos pedagógicos, mapas animados, vídeos, fotografias, etc. Em sua opinião, isso foi:

() Uma excelente novidade para os alunos, porque eles trabalharam com o que tem de mais moderno em recursos para uma sala de aula e que vai servir para a vida deles.

() Um bom recurso para as aulas, mas que não fez muita diferença na aprendizagem dos alunos.

() Indiferente, pois o que importa mesmo é que os alunos tenham aula, sem importar os recursos que o professor utiliza.

() Ruim, pois eu sou contrário à utilização da Internet com os alunos.

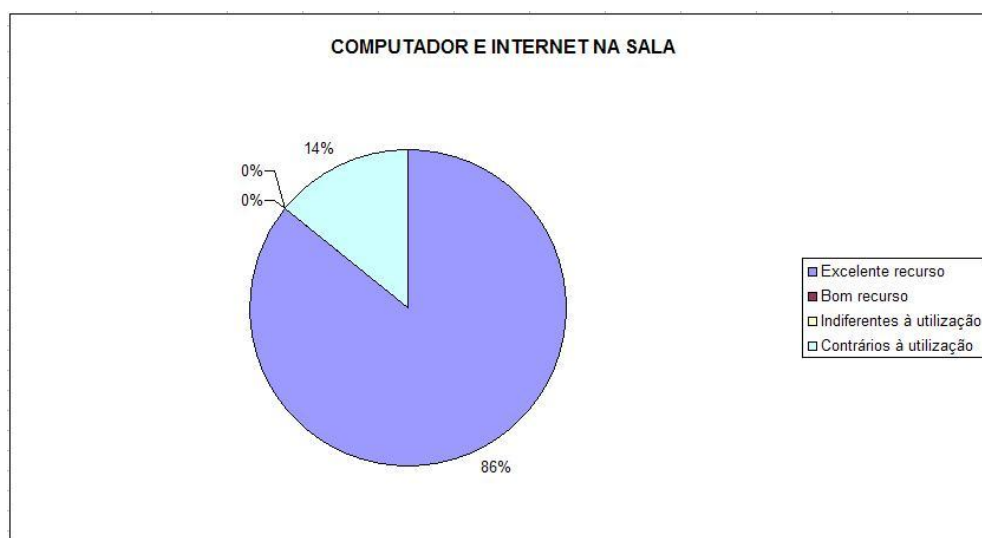


Figura 7. Gráfico referente à utilização do computador e Internet na sala

O gráfico anterior ilustra o resultado da seguinte tabulação:

Excelente recurso	24
Bom recurso	0
Indiferentes à utilização	0
Contrários à utilização	4

Anexo 6: Avaliação do trabalho do professor feita pelo responsável de um dos alunos por ocasião da entrega do parecer descritivo.

Recado dos responsáveis ao professor e à equipe pedagógica após a leitura do parecer descritivo:

Agradeço ao interesse que o prof^o Paulo demonstra aos seus alunos. Pois meu filho tem mostrado muito interesse e vontade de estar na escola e isso pra mim é de muita importância. E como sugestão: acho que os outros professores poderiam dar continuidade a esse trabalho do prof^o paulo. Para que nos próximos anos, os alunos continue sendo incentivados.

Figura 8. Avaliação de uma mãe de aluno

Anexo 7: Questionário de avaliação¹⁸ do trabalho do professor aplicado aos alunos.

As perguntas abaixo servirão para o professor continuar fazendo o que os alunos consideram positivo e melhorar o que os alunos gostariam que fosse diferente. Responda com sinceridade e sem precisar se identificar:

PONTUALIDADE: O professor é pontual, ou seja, cumpre os horários de início e término das aulas?

- () É pontual.
- () Tem pequenos atrasos.
- () Costuma atrasar-se bastante.

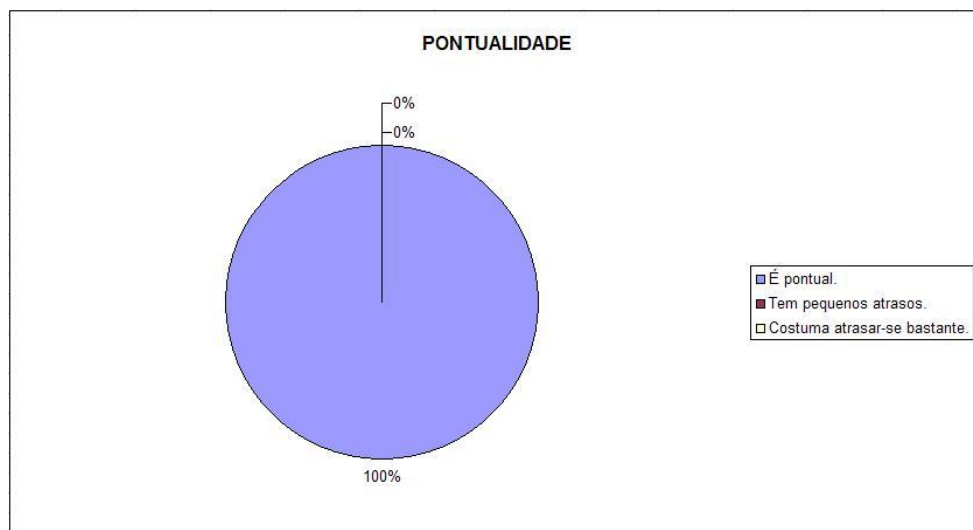


Figura 9: Gráfico referente à pontualidade do professor

¹⁸ O professor aplicou o questionário na última semana de aula do primeiro semestre.

Anexo 8: Transparência dos critérios de avaliação

CLAREZA NA AVALIAÇÃO: O professor explica como avalia os trabalhos que pede aos alunos, ou seja, diz o que ele corrige em cada tarefa?

- () Sempre faz isso.
- () Faz isso na maioria das vezes
- () Nunca faz isso

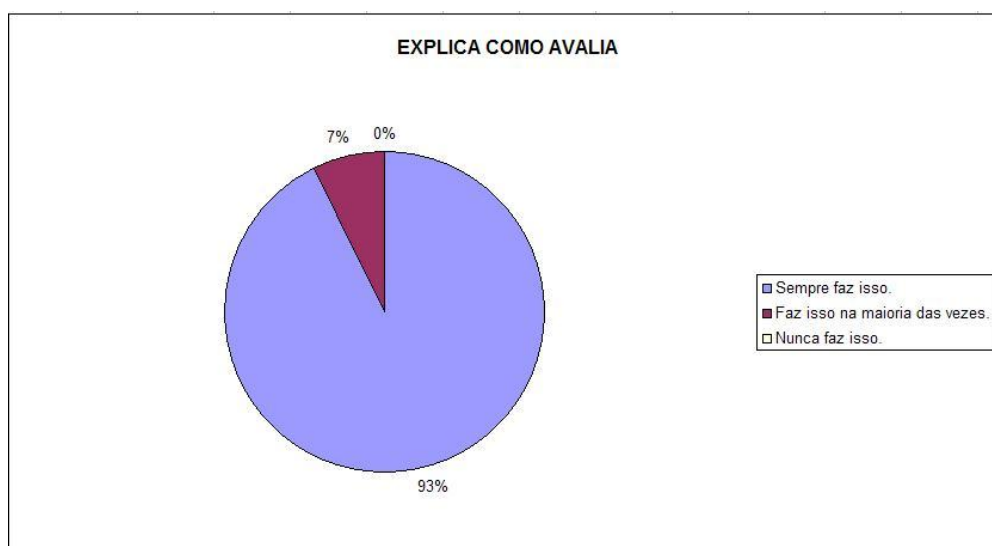


Figura 10: Gráfico referente à transparência quanto aos critérios de avaliação das tarefas

Anexo 9: Metodologia

JEITO DE ENSINAR: A maneira como o professor dá aula, escolhe e explica os conteúdos é...

- () Muito legal, interessante e divertida.
- () É boa quase todos os dias, mas às vezes é cansativa.
- () A maneira do professor ensinar não é legal.

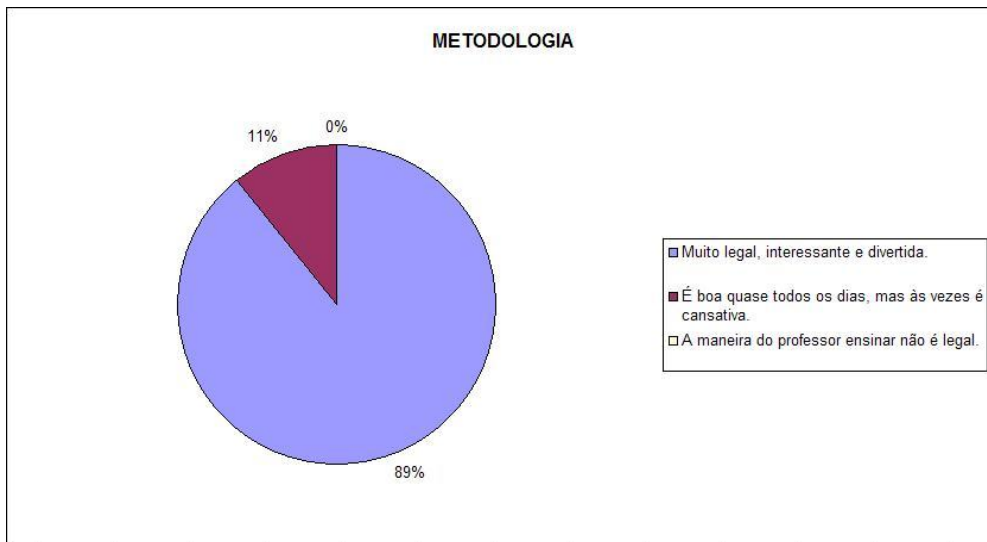


Figura 11: Gráfico referente à metodologia do professor (Opinião dos alunos)

Anexo 10: Comprometimento

COMPROMETIMENTO com a aprendizagem dos alunos: O professor demonstra estar preocupado se os alunos estão aprendendo?

- () Ele se preocupa com a aprendizagem de todos os alunos.
- () Ele se preocupa com a aprendizagem de alguns dos alunos.
- () Não demonstra preocupação com a aprendizagem dos alunos.

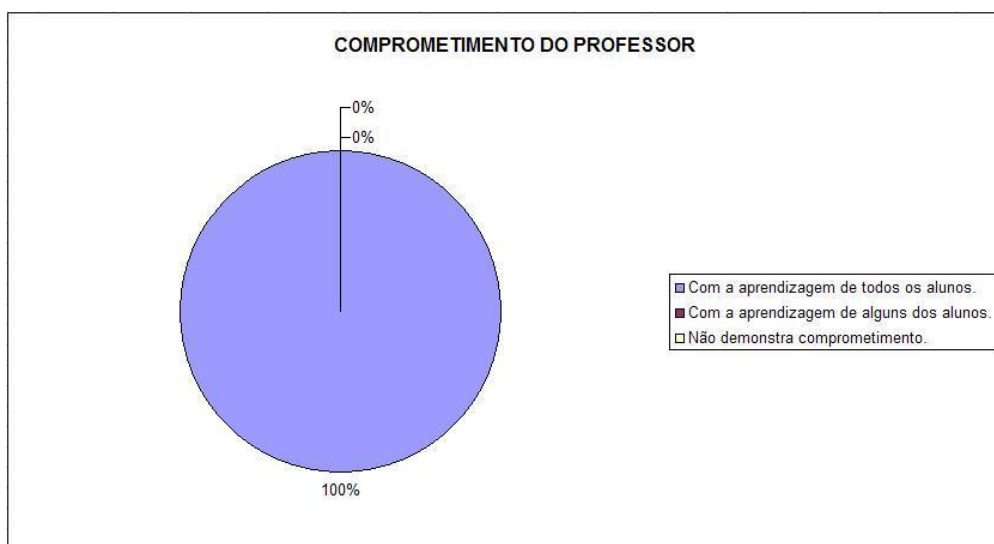


Figura 12: Gráfico referente ao comprometimento com a aprendizagem dos alunos

Anexo 11: Incentivo à participação dos alunos

PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS: O professor incentiva a participação de todos os alunos?

- () Incentiva a participação dos alunos nas tarefas.
- () Aceita a participação dos alunos nas atividades programadas quando os alunos demonstram interesse em participar.
- () Não incentiva a participação dos alunos nas atividades.

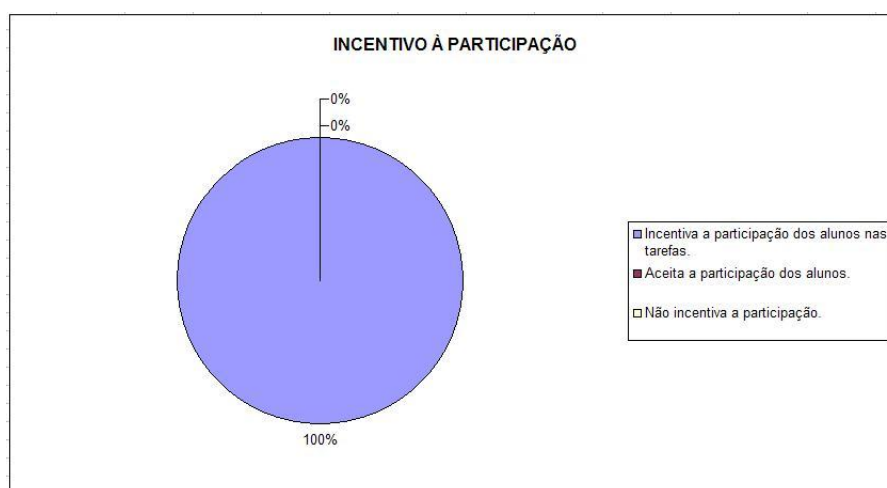


Figura 13: Gráfico referente ao incentivo à participação discente

Anexo 12: *Feedback*

CORREÇÃO DOS TRABALHOS: O professor costuma corrigir as atividades que passa?

- () O professor sempre corrige as tarefas.
- () O professor corrige a maioria das tarefas.
- () O professor não corrige as tarefas.

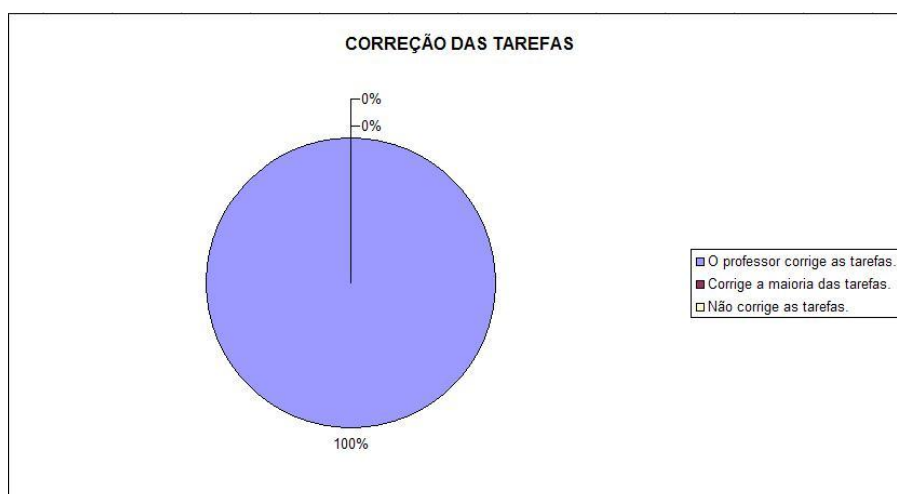


Figura 14: Gráfico referente à correção das tarefas

Anexo 13: Relevância dos conteúdos

CONTEÚDOS: Os assuntos que o professor trabalha são interessantes?

- () Todos os assuntos são interessantes.
- () A maioria dos assuntos é interessante.
- () Quase todos os assuntos são desinteressantes.

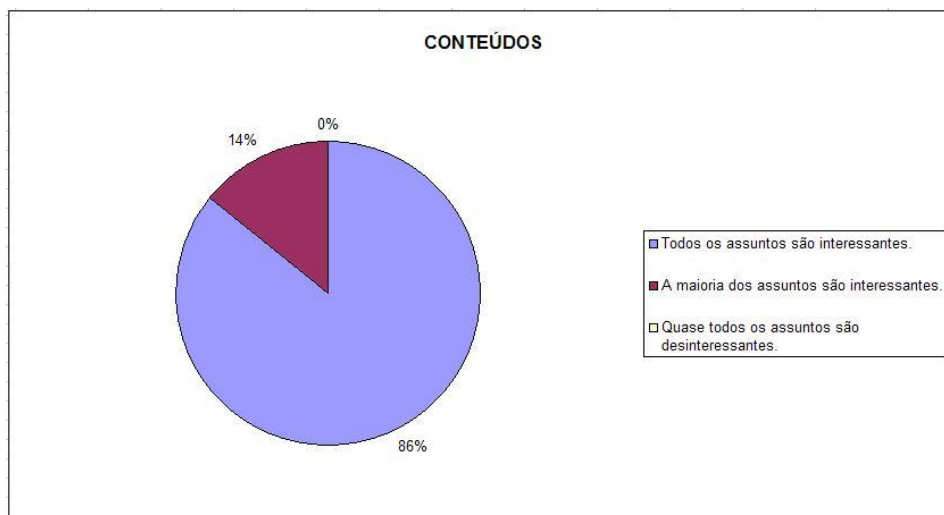


Figura 15: Gráfico referente à relevância dos conteúdos

Anexo 14: Recursos utilizados

RECURSOS: O professor utiliza muitos recursos em aula. Quais os que você mais gostou?

- () Notebook com internet
- () Data show
- () DVD
- () Televisão
- () Livros de literatura
- () Jogos de computador
- () Jogos de tabuleiro
- () Google Maps
- () Panoramio
- () Google street view
- () Wikipedia
- () Power Point

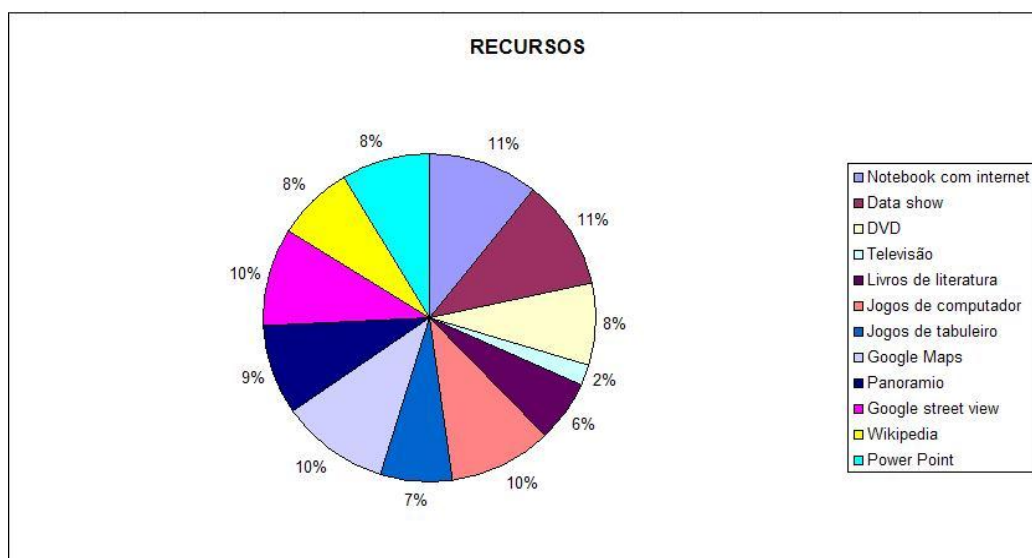


Figura 16: Gráfico referente aos recursos utilizados

Anexo 15: Modelo de parecer descritivo encaminhado aos pais e responsáveis.

Escola de Ensino Fundamental (nome suprimido para fins de publicação)

Rua X, 729

Gravataí – RS

PARECER DESCRITIVO

Aluno: Samantha (Nome fictício)

Curso: 5º ano do Ensino Fundamental

Turno: Tarde

Professor: Paulo Assis Costa Medeiros

Ano: 2010

Samantha tem ótima frequência, não apresentando faltas. Na sala de aula, eu destaco a criatividade, independência, o respeito para com o professor, a participação e o respeito às regras da turma. Ela participa das atividades propostas, apresenta interesse em aprender, demonstrando atenção e concentração nas diversas tarefas. É uma aluna extremamente inteligente, culta e comprometida com a aprendizagem. Está de parabéns!

Colabora com silêncio e participação no momento inicial de cada aula, chamado Momento de Leitura e de Reflexão.

Do início do ano para cá, seus textos que já eram bem escritos ficaram ainda melhores. Quanto aos exercícios, não demonstra dificuldades em entender o que é preciso fazer. Na verdade, frequentemente ajuda o professor na hora da explicação da atividade.

No campo das artes, pinta dentro dos limites propostos, fazendo tudo com capricho, criatividade e bom gosto.

Em relação à assimilação e fixação dos conteúdos: Ela é independente e realiza todas as atividades, sem que o professor precise lembrá-la de suas obrigações a todo instante. Aprende tudo com muita rapidez.

Quanto à correção: Ela consegue identificar e corrigir seus erros mesmo sem o auxílio do professor.

Quanto ao relacionamento do aluno com os colegas: Relaciona-se bem com os colegas, embora já tenha percebido alguns pequenos desentendimentos, todos já resolvidos com a presença do professor.

Quanto à caligrafia: Sua letra é bonita, bem caprichada.

Quanto à disciplina: Caroline apresenta um excelente comportamento em sala de aula. Se, porventura, esquece-se de alguma regra em particular, uma chamada de atenção do professor é suficiente. Sabe a hora certa de conversar, de ouvir, de trabalhar.

Quanto ao material usado em sala: É uma aluna ordeira. O capricho com todos os seus materiais reflete esta organização. No que diz respeito aos materiais de uso comum ou de seus colegas, ela os usa com o mesmo cuidado.

Quanto à leitura: Samantha lê muito bem e está tentando ler cada vez melhor, no que tem obtido sucesso.

Quanto à assiduidade: Samantha e seus responsáveis estão de parabéns – apresentou 100% de presença no trimestre.

Quanto aos temas de casa: Samantha sempre faz os temas de casa.

Recomendo à Samantha: Cultivar a leitura semanal de um livro; além de trazer mais cultura e conhecimento, amplia o conjunto de palavras (vocabulário) que poderá ser usado no cotidiano.

Recado dos responsáveis ao professor e à equipe pedagógica após a leitura do parecer descritivo:

.....
.....
.....
.....
.....

Anexo 16: Termo de consentimento da publicação da imagem encaminhada aos pais e/ou responsáveis dos alunos da turma de estágio.

ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL
AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM

Nome Completo:

Nacionalidade:

Profissão:

RG:

CPF:

Endereço:

Grau de Parentesco com o(a) estudante:

Neste ato, a título gratuito, autorizo, por prazo indeterminado e sem limites de território, a EMEF *****, a reproduzir a imagem do(a) estudante, objeto desta autorização, para publicação na homepage <http://pauloestagio.pbworks.com/> para todos os fins educacionais aqui não expressamente mencionados. Estou ciente de que se trata de uma página da internet com a finalidade de divulgar as atividades que a turma do professor Paulo Assis Costa Medeiros realiza periodicamente. Esta autorização estende-se à publicação no site <http://www.youtube.com> dos vídeos que são gravados com a mesma finalidade educativa já descrita.

Declaro que tenho ciência e que concordo que o rosto poderá ficar visível, portanto reconhecível nas fotos a serem publicadas. Por fim, renuncio a quaisquer direitos relacionados à presente autorização para uso e publicação de minhas fotografias, isentando a EMEF *****, o professor Paulo Assis Costa Medeiros e demais integrantes profissionais desta unidade escolar de qualquer ação judicial que tenha como objeto esses mesmos direitos.

Gravataí, de abril de 2010.

Assinatura: _____

Nome: _____

Testemunha: _____

CPF: _____

